



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
SHEYLA DE SOUZA BITENCOURT

CLARA AVERBUCK:
A ESCRITA ENTRE O DIÁRIO E O CONFESSIONÁRIO

Tubarão
2013

SHEYLA DE SOUZA BITENCOURT

CLARA AVERBUCK:
A ESCRITA ENTRE O DIÁRIO E O CONFESSIONÁRIO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof^ª. Dra Ramayana Lira de Sousa

Tubarão

2013

Bitencourt, Sheyla de Souza, 1989-
B54 Clara Averbuck: a escrita entre o diário e o confessionalário/
Sheyla de Souza Bitencourt; Orientadora: Ramayana Lira de
Sousa -- 2013.
60 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Universidade do Sul de Santa
Catarina, Tubarão, 2013
Inclui bibliografias

1. Escrita. 2. Blogs. 3. Subjetividade. 4. Diário íntimo.
I. Sousa, Ramayana Lira de, II. Universidade do Sul de
Santa Catarina - Mestrado em Ciências da Linguagem.
III. Título.

CDD (21. ed.) 410.72

SHEYLA DE SOUZA BITENCOURT

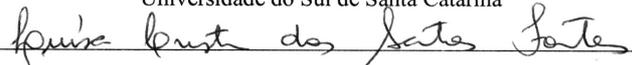
CLARA AVERBUCK: A ESCRITA ENTRE O DIÁRIO E O CONFESSIONÁRIO

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 10 de dezembro de 2013.

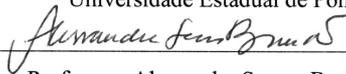


Professora e orientadora Ramayana Lira de Sousa, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professora Luísa Cristina dos Santos Fontes, Doutora

Universidade Estadual de Ponta Grossa



Professora Alessandra Soares Brandão, Doutora

Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico este trabalho à minha família e amigos,
por estarem sempre presentes me motivando e
me impulsionando a ter novos sonhos.

AGRADECIMENTOS

Concluo o Mestrado em Ciência da Linguagem, com a certeza de que foi de inteira importância para meu amadurecimento profissional e pessoal. Agradeço aos professores, orientadora, banca, coordenação e corpo administrativo por me ajudarem nessa fase. Muito obrigada, a minha família e amigos que me apoiaram em momentos difíceis e bons também, pois não há nada mais sincero do que pessoas que se alegram com nossas conquistas. E finalmente a Deus, reconheço que a força e a fé me levaram a conquistar mais do que podia imaginava.

RESUMO

Se, por um lado, os blogs respondem à aceleração do tempo no mundo contemporâneo, por outro lado, criam a possibilidade de encontros subjetivos de forma quase inaudita: são foros potenciais de discussão, de abertura para o dissenso e, assim, espaços políticos por excelência. Não obstante, é como espaço de escrita de si que os blogs nos interessam nessa proposta. Paula Sibilia (2008, p.12) entende como “diários íntimos” as histórias cotidianas contadas pelos usuários da internet, em cujas postagens de escritos, fotos e vídeos ocorre uma grande variedade de estilos e assuntos. É, pois, nesse sentido que os blogs aparecem como nosso objeto de estudo: como escrita que, ao se colocar entre o diário e o confessionalário, permitem observar a emergência de sujeitos. Clara Averbuck, escritora gaúcha, é a chave para toda essa discussão sobre exposição digital. A autora escreve em diversos endereços na internet: blogs *Brazileira Preta* e *Adios Lounge* encontram-se ativados, embora não tenham novas postagens desde 11 de dezembro de 2009. Clara também escreveu para o R7, que é um megaportal de notícias e entretenimento do conglomerado *Record*. Atualmente a escritora tem postado no seu novo blog *Clara Averbuck Oficial* e no *Facebook* (rede social). E é esse o universo que exploramos nessa pesquisa. As perguntas que balizam esta proposta são: que tipos de questionamentos para a subjetividade os escritos nos blogs de Clara Averbuck produzem, principalmente quando os vemos como uma forma de escrever sobre si que remete ao confessionalário e ao diário? Seriam esses questionamentos apenas efeitos de uma espetacularização do eu? O espaço virtual se abre para uma reconfiguração do que é “próprio”: quem tem o direito de escrever, quem pode ler, sobre o que é possível escrever. Os blogs, ao transformar o modo como as pessoas escrevem sobre si, permitem a emergência de novos sujeitos que desafiam (em uma perspectiva mais otimista) ou reforçam (em um ponto de vista apocalíptico) o modo como o que é “próprio” de cada um é estabelecido.

Palavras-chave: Subjetividade. Blog. Confessionalário. Diário Íntimo.

ABSTRACT

If, on the one hand, blogs respond to time acceleration in the contemporary world, on the other hand, they create encounter possibilities among subjects in an almost unprecedented way: They are potential discussion forums of openness to dissent, and thus political spaces par excellence. Notwithstanding, it is as a space for the writing of oneself that blogs interest us in this work. Paula Sibilia (2008, p.12) understands the present-day stories told by internet users as “intimate diaries”, in which writing posts, photos and videos a great variety of styles and subjects occur. It is, thus, in this sense that blogs appear as our object study: as writing that, by putting itself between the diary and the confessional, they allow us to observe the emergence of subjects. Clara Averbuck, gaúcha writer, is the key for all this discussion about virtual exposition. The author writes on several internet addresses: blogs *Brazileira Preta* and *Adios Lounge* are activated, however they do not present any new posts since December 11th 2009. Clara has also written for R7, that is a news and entertainment mega portal which belongs to Record conglomerate. Presently the writer has posted on her new blog *Clara Averbuck Oficial* and on *Facebook*. This is the universe we explore in this research. The queries that ground the proposal are: what types of questionings to the subjectivity of the writings in Clara Averbuck’s blogs produce, especially when we see them as a way to write about oneself which refers to the confessional and the diary? Would this questionings be only effects of a spectacularization of the self? The virtual space opens up to a reconfiguration of what is “own”: who has the right to write, who is able to read, about what it is possible to write. Blogs, by changing the way by which people write about themselves, permit the emergence of new subjects who defy (in an optimistic perspective) or reinforce (in an apocalyptic point of view) the way as what is “own” of each one is established.

Key-words: Subjectivity. Blog. Confessional. Intimate diary.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	A ESCRITA DE SI: DIÁRIO ÍNTIMO E CONFESSIONÁRIO	15
3	CLARA AVERBUCK ENTRE O DIÁRIO E O CONFESSIONÁRIO	39
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
	REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

Era uma vez uma gaúcha chamada Clara Averbuck Gomes, nascida no dia 26 de maio de 1979, em Porto Alegre, que sempre odiou a escola, e que, por uma brincadeira, acrescentou o H ao nome¹ quando cursava o primeiro ano do segundo grau e com a maturidade decidiu tirar a letra do nome agora em 2013. Dez anos depois nasci com o nome de Sheyla de Souza Bitencourt, com uma enorme sede de escrita, sempre encantada com histórias e contos desde muito pequena. Comecei a escrever aos 13 anos, quando já apontavam para mim novos horizontes e aos meus pés se estendiam grandes possibilidades. Eu podia inventar o mundo que queria para mim.

O desinteresse de Clara pela educação formal foi logo no segundo grau. Mais tarde, tentou retomar os estudos e recuperar o tempo que havia perdido. Foi então que surgiu muito tempo depois, o sonho de entrar na faculdade e ela não teve outra saída a não ser enfrentar o supletivo. Finalizando o ensino médio, inscreveu-se para o vestibular tentando Letras e Jornalismo na PUC-RS, mas mesmo matriculada na faculdade, não passou de um semestre em ambos os cursos. Sua história como escritora iniciou quando ela começou a postar seus textos na internet, mas já se encantava pelo mundo da escrita muito antes de aprender a ler. Sempre trocou os brinquedos por livros, foi natural a preferência pelas humanas às exatas, começar a escrever até que evoluísse e seguir o caminho das letras mesmo que não tivesse grandes pretensões. Em junho de 1998, aos 17 anos escreveu pela primeira vez para o *Não-til*, a revista digital da Casa do Cinema de Porto Alegre. Segundo Clara Averbuck em entrevista para Bravo Online:

Depois veio o CardosOnline (COL), mailzine que criou/revelou novos escritores como Daniel Pellizzari e Daniel Galera. Falávamos das nossas vidas, das nossas bebedeiras, e dávamos nossas opiniões de pessoas de quase 20 anos. Publicávamos o que bem entendíamos, de poemas de amor a ficção, de resenhas a teorias mirabolantes e artigos e delírios. Cinco mil assinantes e três anos depois, estávamos todos com vontade de ir cada um para o seu lado. Fomos. O COL terminou. (<http://bravonline.abril.com.br/materia/o-inferno-sao-os-outros-ou-como-os-leitores-de-blogs-podem-tirar-o-sossego-de-um-escritor-internauta-2>)

Eu não mudaria muito a biografia de Clara para assim contar minha história com a escrita, só vou precisar acrescentar que sempre estive pontualmente matriculada, me formei em Letras embora também gostasse de Jornalismo, e, sem perder tempo, entrei no Mestrado.

¹ Escolhemos preservar o nome de Clara Averbuck sem o H, mas será inevitável que o mesmo apareça escrito por ela nos blogs e nas citações presentes neste trabalho.

Diferentemente de Clara que tinha o dom da escrita, mas preferiu parar um tempo até perceber que precisava estudar sobre. Assim como Clara escrevi para diversos jornais da região, sendo eles impressos e online. Depois resolvi fazer algumas páginas na internet, formações de escritores e tudo isso resultou em alguns livros publicados com outros escritores. Ainda sonho em publicar um livro meu.

Cansada do sul do país, Clara foi para o sudeste. Parecia que algo a esperava por lá de braços abertos, pronto para lhe dar uma chance. Mas para Clara Averbuck, em trechos escritos no blog *Adios Lounge*, o motivo do seu sucesso não foi ter vindo com a esperança de que iria ficar famosa, ou todas essas pretensões de mudança de vida que não pertenciam a ela.

Ao se mudar para São Paulo em 2001, através de um amigo ficou conhecendo o blog, que ainda era uma novidade, e então começou a escrever seu primeiro romance, *Máquina de Pinball*, publicada no ano seguinte. O blog *Brasileira Preta* foi criado em setembro de 2001 e chegou a ter mais de 1800 acessos diários, do que nossa autora nem suspeitava, afinal, na época, dispositivos de contagem de visitas a publicações *on-line* ainda eram novidade. Já em maio de 2006, nossa escritora lançou o conhecido *Adios Lounge*, seu segundo blog, para matar a saudade dos fãs conquistados com o sucesso do primeiro.

Sempre escrevendo em primeira pessoa, esta autora contemporânea coleciona admiradores e desafetos por onde passa, apontando sua opinião sobre sexo, religião, música, drogas, aborto, corrupção, entre outros. É admirável a ingenuidade das pessoas ao pensarem que escritos em primeira pessoa sejam fatos reais, o que nem sempre é verdade. É bem possível que Clara Averbuck escreva acontecimentos de sua vida particular, pois é inegável a presença da autora naquilo que escreve. Mas ela não admite tal feito, tratando seus textos como ficcionais e o livro *Máquina de Pinball*, onde a protagonista se chama Camila, fica sendo apenas seu primeiro livro impresso. Por mais que ali se encaixem partes da história e das vivências de Clara Averbuck na adolescência tão perfeitamente que seus relatos sobre sua vida se pareçam tirados do livro ou ao contrário.

Muitos escritores fingem os fatos, como o poeta fingidor descrito por Fernando Pessoa (<http://pensador.uol.com.br/frase/NDM0Ng/>): “O poeta é um fingidor. / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente.” Contudo é no fingimento, na falsificação que muitos autores alcançam certa verdade sobre o mundo. Aqui não iremos tratar como verdades absolutas ou mentiras os escritos de Clara. No jogo que a escrita cria com a realidade sabemos que, mesmo que ela se propusesse a descrever tudo em detalhes como aconteceu ainda assim não a teríamos nos textos por inteiro, mas parte dela.

Para Averbuck, o blog era uma espécie de diário literário, onde ela usava sua vida como inspiração para seus personagens. A autora costuma usar o nome e as histórias de seus conhecidos, sem se preocupar com os julgamentos. Mas confessa em entrevista para *Bravo Online* que sempre achou curiosas as reações exacerbadas de amor, ódio ou repulsa que ouvia sobre o seu primeiro blog Brasileira Preta.

Ou seja, quando tentei afastar a escrita dos fatos, alguns leitores sentiram-se ainda mais próximos e passaram a praticar a arte da invasão. Já fui seguida na rua, ameaçada cara a cara e assediada por gente que eu nunca tinha visto. O fascínio pela vida alheia (a minha!) e a possibilidade de tentar interferir no curso das coisas estavam saindo de controle. (<http://bravonline.abril.com.br/materia/o-inferno-sao-os-outros-ou-como-os-leitores-de-blogs-podem-tirar-o-sossego-de-um-escritor-internauta-2>)

Espantavam-lhe esses arroubos dos leitores por acreditar que o acesso ao blog é livre e aberto para quem estava disposto a ler, nada ali era imposto, diferentemente de qualquer outra mídia. Assim, as pessoas a criticavam pelo que falava em sua página. Então começaram as indagações e as cobranças, daquilo que escrevia e de quando iria escrever mais. Averbuck foi perdendo o interesse e a vontade de escrever. Até que parou de publicar e fez um blog secreto.

Em 2003, publicou *Das coisas esquecidas atrás da estante* e logo depois, em 2004, *Vida de gato*. Atualmente está com dois livros em andamento: *Eu quero ser eu*, novela infanto-juvenil e *Cidade no escuro*, livro de crônicas. Tem um blog desde março de 2013, o *Clara Averbuck Oficial*, e uma conta no *Facebook* que utiliza com frequência. A escritora se deixou influenciar na literatura por ícones como John Fante, Charles Bukowski, Paulo Leminski, Pedro Juan Gutiérrez, Hunter S. Thompson, João Antônio, Lucía Etxebarria, H.L. Mencken, Fiona Apple, Nina Simone, Rolling Stones, Tom Waits e Strokes. Pode-se dizer que o humor cáustico da autora tenha vindo de John Fante. E ainda que os palavrões e a irreverência sejam recorrentes em seus escritos, devido à proximidade com os livros de Charles Bukowski. Clara foi influenciada por artistas que fizeram a diferença na música, na literatura, nas artes plásticas e não seria possível passar despercebida com tamanho talento de seus professores.

Clara, filha de hippies, tem na veia o dom artístico herdado de seu pai, Henri Gomez da dupla *Tangos&Tragédias*, embora ela, ao meu ver, não cante muito bem. Teve várias bandas, entre elas *Jazzie & Os Vendidos*, com a qual fez turnê pelo Brasil. A arte precisa ser apresentada, extraída de alguma forma e os trabalhos de nossa protagonista não ficaram nos escritos, ela também teve o prazer de ver seus escritos sendo representados no

palco, quando sua obra *Máquina de Pinball* ganhou adaptação para o teatro por Antônio Abujamra e Alan Castelo, isso em 2003. E como se não bastasse Clara foi convidada pelo diretor cinematográfico Murilo Salles, que juntamente com as roteiristas Elena Soárez e Melanie Dimantas, fizeram de seus outros dois livros um filme chamado *Nome Próprio* interpretado por Leandra Leal.

Apaixonada por Reginaldo Lincoln, baixista da banda Vanguard, com quem casou em 21 de setembro de 2009, Clara revelou em entrevistas para a revista Marie Claire (<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML1683662-1740,00.html>) que estava apaixonada e que sua relação com o baixista estava indo muito bem, que ele seria seu verdadeiro e único amor, mas separou-se no ano seguinte, após ser supostamente traída por ele em um *reality show* “Troca de Família”, o que gerou muitos comentários e inclusive resposta da escritora pela internet através de vídeos e escritos dela no blog. Clara Averbuck é também redatora de humor do *Portal R7* e faz um programa diário com Alessandra Siedschlag, do blog “*ex-tricô*”

Interessam-nos nesta pesquisa os assuntos acerca da escrita dos blogs. Que, em sua maioria seguem o modelo “confessional” dos diários íntimos. Esses weblogs, fotologs e videologs, servem para expor a própria intimidade nas vitrines globais da rede. Paula Sibilia também acredita que os diários íntimos de antes se tornaram os velozes blogs de hoje.

Ao passar do clássico suporte de papel e tinta para a tela eletrônica, não é apenas o meio que muda: transforma-se também a subjetividade que se constrói nesses gêneros autobiográficos. Muda precisamente aquele que narra, assina e protagoniza o relato de si. Muda o narrador, muda o autor, muda o personagem. (SIBILIA, 2008, p.50)

É, pois, nesse sentido que os blogs aparecem como nosso objeto de estudo: no que permite observar a emergência de sujeitos. Os diários íntimos que estão expostos na internet, muitas vezes coligidos na forma de blogs, revelam a vida particular das pessoas. Atualmente muitos usuários da internet estão dispostos a aparecer como celebridades. A fama e a espetacularização de suas vidas acontecem diariamente. Temos um exemplo de extrema exposição, que não acontece com blog, mas que de certa forma exemplificará, que é a história de uma mulher que viveu durante sete anos monitorada por câmeras em sua própria casa, porque gostava de ser vigiada, de ser assistida por outras pessoas. Conforme Sibilia (2008, p.213):

A jovem causou certo impacto quando resolveu instalar várias câmeras de vídeo nos diversos cômodos da sua casa, apontando para todos os outros recantos, a fim de que as lentes registrassem e transmitissem pela internet tudo o que acontecia entre quatro paredes – e, com a maior exatidão e frequência ainda, tudo o que ali não aconteciam.

O blog é um site onde são escritas mensagens, chamadas de artigos ou posts, que fornecem comentários ou notícias de diversos assuntos, usando de artifícios como fotos, vídeos e links de outras páginas, mídias ou até mesmo outros blogs. São usados para falar de vários assuntos inclusive do próprio cotidiano. É onde quem estiver disposto confessa seus segredos, intimidades e revela suas experiências e pensamentos. Não há mais a preocupação com o que o outro irá pensar ou a vontade de esconder o que se pensa e vive. A vida alheia pode ser acessada por qualquer pessoa disposta a conhecer a intimidade do outro que é publicada com precisão de detalhes e em tempo real em algumas situações.

O autor Alex Primo, no artigo intitulado *Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa*, nos faz refletir sobre quais dos blogs são mais visitados, quais são os que têm fins lucrativos e como funcionam os blogs. Mas dentre tantas informações selecionamos algumas que nos chamaram atenção quando comparadas a nosso objeto de pesquisa. Os blogs pessoais são o nosso foco e abaixo podemos diferenciá-lo dos demais, sendo que o blog pessoal tem como impulso o prazer de escrever interagindo com os outros.

Buscando evitar tais armadilhas, blogs pessoais serão aqui compreendidos como um, e apenas um, dos possíveis tipos de blogs. Trata-se de uma produção individual, mas que diferencia-se dos blogs profissionais, por não ser guiada por objetivos e estratégias bem definidos e em consonância com o trabalho do autor. Pelo contrário, as principais motivações que movem o blogueiro são o prazer de expressar-se e interagir com os outros. (PRIMO, 2008, p.7)

Afirmar a veracidade de uma autobiografia, assim como negar a presença do autor naquilo que escreve, mesmo ficção: é caminhar por um caminho onde não se sabe exatamente onde se vai chegar. Como bem diz Alex Primo:

(...) não se pode aceitar a proposta de que estes blogs se caracterizam necessariamente pela espontaneidade e sinceridade. Trata-se de outro postulado que busca encontrar uma certa “essência” do blogar. Um blog pessoal pode ser assinado pela identidade fictícia de um blogueiro (o chamado “fake”), constar de histórias ficcionais, rumores, piadas ou até mesmo funcionar como um repositório de informações encontradas em outros sites. Como estes poucos exemplos demonstram, um blog pessoal não reflete necessariamente a voz “sincera” do blogueiro, suas “verdades mais verdadeiras”. (PRIMO, 2008, p.7)

Alex Primo ressalta que é com o tempo que se constrói a reputação na internet e dá dois exemplos distintos revelando que não é o conteúdo ou qualidade que os fará conhecidos na rede, mas que ambos têm público. Um exemplo cotidiano seria a música, as pessoas têm gostos musicais diferentes e escutam as que se identificam com mais frequência. A mesma coisa ocorre com o blog, pois as pessoas tendem a ler o que lhes agrada.

Apesar de não ter fins mercadológicos, um blog pessoal pode também construir uma reputação de excelência. Um cinéfilo pode obter reconhecimento entre seus pares em virtude de suas resenhas críticas. Outro blogueiro pode obter altos índices nas estatísticas de visitação de internautas interessados nos links de programas piratas que publica. Mesmo que os perfis destes dois exemplares de blogs difiram radicalmente em foco e qualidade do conteúdo, ambos desfrutam de reputação construída no tempo. (PRIMO, 2008, p.7)

Atualmente os blogs, são dispositivos que funcionam como confessionários, onde os leitores são responsáveis por dar um retorno do que ali for revelado, como um padre no confessionário da Igreja Católica ou como o público na eliminação do BBB (programa televisivo que mantinha pessoas presas em uma casa, vigiadas por câmeras). Ao contrário dos dispositivos dos diários que "eram extremamente escondidos e até mesmo proibidos por maridos, pais e outras figuras autoritárias" (SIBILIA, 2008, p.76), os blogs confundem as barreiras entre público e privado, levando a uma extrema exposição do eu.

Há uma diferença que deve ser reconhecida no "pacto" entre o padre e o "pecador", já que a confissão fica restrita aos dois únicos "personagens" desse confessionário, que em muito diverge do nível de exposição do confessionário do BBB, em que a figura do padre se multiplica em milhões de espectadores.

Clara Averbuck é a chave para toda essa discussão sobre exposição digital, a autora escreve em diversos endereços na internet: blogs, redes sociais, jornais online, entre outros. E é esse o universo que exploraremos nessa pesquisa, as mídias relacionadas à internet serão usadas como fontes principais e os livros como fontes secundárias.

Diante desse quadro de profundas transformações ocorridas na cultura contemporânea, essa dissertação visa propor as seguintes questões:

- Que tipos de questionamentos para a subjetividade os escritos nos blogs de Clara Averbuck produzem, principalmente quando os vemos como uma forma de escrever sobre si que remete ao confessionário e ao diário íntimo?
- Seriam esses questionamentos apenas efeitos de uma espetacularização do eu?
- Ou seria possível pensá-los como momentos políticos de novas formas de "escrever a si"?

Quando pensamos em falar sobre blogs, a identificação foi imediata, Clara Averbuck e eu estamos separadas por 10 anos, mesmo assim nossa história em muito se parece. Escritoras de jornais da cidade, que sonham em viver de literatura e que decidem fazer um blog. Em muito me chama atenção os blogs de Clara, desde a forma de escrita dela até a irreverência com que trabalha os temas. Isso tudo foi crucial para nossa decisão em escolhê-la como objeto de pesquisa.

2 A ESCRITA DE SI: DIÁRIO ÍNTIMO E CONFESSIONÁRIO

Neste capítulo falaremos sobre os conceitos de Confessionário e Diário Íntimo, primordiais para a análise que propomos das obras de Clara Averbuck, fazendo com que possamos trazer à luz outros conceitos tais como: intimidade, exposição, espetacularização do eu e construção da subjetividade. Abaixo discutiremos a fusão entre o diário íntimo e o confessionário, fusão da qual resultará o blog. Partimos da apreensão de que um dos usos comuns dados à escrita na internet é o de diário, aqui compreendido como gênero que explora a fixação da memória em texto, de forma que sua trama chega a produzir o tecido onde se estampa uma individualidade, uma identidade. Tradicionalmente relacionado à intimidade, o diário online propõe uma questão que Phillipe Lejeune (2009) resume da seguinte forma: que diferença existe entre a escrita do diário na tela do computador em relação ao diário manuscrito ou datilografado? Lejeune se baseia em uma pesquisa com escritores franceses e nota a consciência que estes têm, por exemplo, do traço individual da caligrafia que se perde no texto online. Por outro lado, boa parte desses escritores, segundo o levantamento feito pelo crítico francês, considera a experiência virtual “libertadora” e produtora de um efeito de clareza (p.288). Outro aspecto apontado diz respeito às marcas de correções, que aparecem nos textos manuscritos, mas que são invisíveis na internet; conseqüentemente, a escrita online, avalia Lejeune, não carrega o tom de “ilicitude” que pode ser atribuído às correções manuscritas, mostrando-se, assim, mais livres. Para Lejeune, de maneira geral, a internet chega mesmo a otimizar a escrita do diário, pois o diário online “can finally breathe, stretch out on a chaise lounge, and relax. Computer files are even better than notebooks for endless accumulation”² (p.316). Temos assim, uma apreciação de como a nova tecnologia transformou a prática da escrita do diário de maneira fundamental.

É importante notar o caráter um tanto celebratório da abordagem de Lejeune, que se concentra na possibilidade do meio virtual funcionar como um grande arquivo no qual nada seria esquecido. Contudo, tal pressuposição deixa de notar os grandes silêncios e lacunas que são constituídos do próprio arquivo. Vamos, no próximo capítulo em que nos debruçaremos sobre os escritos de Averbuck, tentar apontar alguns desses silêncios e lacunas como expressão do diário.

² “pode finalmente respirar, esticar-se em uma espreguiçadeira e relaxar. Os arquivos do computador são ainda melhores do que os cadernos para acumulação incessante” (tradução nossa)

Interessa-nos, aqui, além de pensar o diário, discutir o confessionalário. Diferentemente de Lejeune que vê os blogs em relação direta com o diário, acreditamos que a estrutura do confessionalário é essencial para entendermos esses escritos. O confessionalário traz, ao longo do tempo, um mistério quando nele é prometida a salvação dos fiéis, depois de serem julgados e levados ao arrependimento. Como afirma Ravazzolli,

De um lado, o representante de Deus, com todo o poder que existe nessa representação: ele pode punir, perdoar, mensurar e fazer pagar pelos pecados. Ao mesmo tempo, o confessor precisa manter o diálogo, instigar o outro a falar sobre seus deslizes e pensamentos. E assim, a relação de poder se inverte: o fiel decide - apesar da ameaça e da possibilidade de pecado - sobre a faculdade de ocultar, de silenciar. (<http://bocc.ubi.pt/pag/ravazzolli-simone-poder-discursivo.html>)

No confessionalário temos um diálogo travado entre confessor e fiel onde o jogo se dá na base da revelação/ocultação. Já o diário íntimo, por outro lado, segue a tradição do nome, e é particular - a única pessoa que tem acesso ao mesmo é o seu escritor/leitor, desde que o diário não caia em mãos erradas. Tal escrito traz à tona sentimentos e busca a fala com si próprio sem intervenção direta de uma segunda figura. E é diferente do confessionalário que trabalha a exterioridade, o falar para o outro. Embora diferentes manifestações de contação de segredos, ambos revelam fatos ocorridos no dia a dia e podemos especular que o blog constituiria uma fusão destes dois, pois não deixa de ser um diário íntimo onde as pessoas contam suas vidas, nem deixa de ser um confessionalário onde as pessoas escrevem suas vidas e são julgadas por outros internautas que farão ali o papel de padres e dirão se tal segredo revelado merece ou não punição.

Retomando o trecho em que dizemos que o diário é particular e que seu único leitor seria o próprio diarista, aqui Sérgio Barcellos afirma que os escritos são destinados ao autor do diário que seria seu primeiro destinatário.

O diálogo estabelecido entre diarista e alter-ego o leva a citar Paul Valéry: “Um homem que escreve não está jamais só” (Gusdorf 1991: 389). A comunicação, então, passa a ser vista com mais clareza no âmbito da escrita diarística. Ainda que se destine ao próprio diarista, a escrita íntima mantém sua característica de ato comunicacional. Dessa forma, Gusdorf considera como primeiro destinatário o próprio diarista, ao instituir um diálogo entre o “eu sujeito” e o “eu objeto”. (BARCELLOS, 2007, p.53)

Segundo Barcellos, o outro ou a alteridade influencia fortemente a constituição do sujeito. Esse sujeito que traz seu espaço íntimo para perto do olhar alheio e se desnuda.

Não haveria dúvidas de que essa escrita viesse a ser o tão decantado “refúgio do eu”, espaço de exercício da intimidade, longe dos olhares públicos e, em muitos casos, sem quaisquer intenções de se tornarem escritos publicados ou lidos por alguém além do próprio escritor ou de pessoas por ele autorizadas. Entretanto, é exatamente sua publicação e sua acessibilidade à leitura o que contribui para que tais escritos venham

a ser considerados sob a perspectiva literária. Além disso, é a promessa de trazer o espaço íntimo do sujeito para perto do olhar do outro o que contaminou tão fortemente o gênero e contribuiu para criar a ficção de um espaço íntimo onde o sujeito se desnuda. É lá, nessa arena supostamente íntima, que o outro ou a alteridade influenciam mais fortemente a constituição do sujeito. (BARCELLOS, 2007, p.51)

É nesse mundo onde as pessoas revelam suas vidas que cabe falarmos de diários íntimos e confessionários. Ravazzolli nos lembra que “As sociedades ocidentais consideraram, desde a idade média, a confissão como um dos rituais mais significativos na produção da verdade, do dizer, declarar, admitir ou atestar algo sobre si mesmo” (<http://bocc.ubi.pt/pag/ravazzolli-simone-poder-discursivo.html>). Materialmente, um confessionário é um stand pequeno e fechado, utilizado apenas para o Sacramento da Confissão. É o local habitual para realizar-se este sacramento na Igreja Católica, mas estruturas semelhantes são também utilizadas na Igreja Anglicana, e também na Igreja Luterana. Quando é necessário caminhar perto de um confessionário, é considerado educação cobrir com a mão uma orelha, para mostrar respeito pela santidade do confessionário. A atual forma do confessionário foi criada no período Barroco. Os confessionários mais antigos eram compostos apenas de uma cadeira para o sacerdote, e ao lado um banco para o penitente. Porém, a partir da Alta Idade Média, cada vez mais foram construídos stands para substituir a cadeira, geralmente perto do altar.

No confessionário, o padre e o penitente estão em compartimento separados e falam uns com os outros através de uma grelha ou lática. O padre normalmente irá sentar no meio e os penitentes vão entrar nos compartimentos de cada lado dele. O padre pode fechar o outro compartimento por uma tela deslizante de modo que apenas uma pessoa poderá se confessar. Há um banco para o penitente ficar ajoelhado durante a confissão. Confissões e conversas são normalmente sussurradas. Às vezes, um confessionário é construído nas paredes da própria igreja e têm portas separadas para cada compartimento; outros confessionários podem ser estruturas independentes e permanentes com cortinas que são utilizadas para esconder penitentes (e até mesmo o padre, em alguns confessionários) do resto da Igreja. Às vezes, o penitente pode ver o padre através da tela, mas o padre geralmente não vê o penitente. Muitas vezes é colocada no banco uma placa com as falas que devem ser ditas para iniciar a confissão. Também pode haver outros materiais associados ao sacramento, como um cartão com a finalidade do Sacramento, com orações e outras informações úteis. Um crucifixo pode ser colocado em cima da tela ou em qualquer lugar perto do penitente para ajudar na oração. Alguns confessionários modernos, e mesmo alguns mais tradicionais, tem muitas vezes duas ou três luzes, que podem ser controladas pelo padre do interior, ou são

automáticas (ativada pelo penitente quando se ajoelha). A luz verde acima da localização do padre mostra que ele está no confessionário, e está disponível para a confissão, enquanto que uma luz vermelha acima da área do penitente mostra que ele está ocupado com deveres paroquianos.

O diário de Alice Dayrell Caldeira Brant, escrito entre 1893 e 1895 em Diamantina (MG) e publicado em 1942 com o nome *Minha vida de Menina*, assinado com o pseudônimo de Helena Morley, nos dá a oportunidade de observar como o funcionamento do confessionário era percebido pela autora. Trata-se um livro composto por passagens do diário de uma adolescente, quando ela tinha de 13 a 15 anos. Depois de guardados os escritos durante quarenta e sete anos, foram finalmente publicados. Há aqueles que duvidam da autenticidade dos escritos, acreditando que eles possam ter sido modificados anos depois.

No trecho abaixo poderemos perceber que o confessionário como forma de saber/poder tinha das suas armadilhas, incluindo o medo. Os fiéis eram controlados também pelo medo que sentiam de estarem longe da igreja, lembrados de que isso podia acarretar a perda das bençãos e como sugerido abaixo conseqüentemente serem levados ao inferno. Podemos perceber também no texto a inocência e o imaginário infantil aguçado, no modo com que são contados detalhes da cena.

Domingo , 29 de dezembro

[...] Padre Neves convidava para essa prática um padre italiano gorducho e vermelho que sabia gritar e impressionar as meninas. O Padre começou:
 “Minhas meninas, este dia é o maior e mais feliz da vida de vocês. Vão receber dentro do peito o corpo, sangue e alma de Jesus. Esta é uma grande graça, minhas queridas, que Deus lhes concede! Mas para isso é necessário que estejam preparadas, contritas e não tenham ocultado nenhum pecado no confessionário. Se ocultarem algum pecado e receberem a comunhão é um horror! Conheço muitos casos horríveis, mas vou contar-lhes apenas um para exemplo. Uma vez uma porção de meninas fez a primeira comunhão com vocês vão fazer hoje. Receberam a sua hóstia e foram contritas para os seus lugares; nesse momento uma delas caiu para trás e morreu. O padre disse à mãe da menina: ‘Foi Deus que a levou para a Sua glória!’. Todas as outras invejavam a companheira que morria na graça de Deus. Nisto, o que foi que elas viram? O capeta arrastando por detrás do altar o corpo da desgraçadinha. Sabem por quê? Porque a menina escondeu um pecado no confessionário”. (MORLEY, 2005, p.332)

Na igreja tem-se a confissão como um saber intrinsecamente relacionado a um poder. O saber da intimidade, de desejos, das ações e omissões mostra-se como fundamento para certo controle sobre o outro. No confessionário tem-se, também, o discurso sobre a sexualidade internalizado e compartilhado pelas pessoas como verdade e tudo o que foge desse discurso é visto como errado. O controle tende ao acerto, sendo que as próprias pessoas

se confessam, pois acreditam no pecado e acreditam que através de punição o perdão a elas é dado. Conforme Melo, Rosa e Barreto (2012, p.3),

O importante é ressaltar que numa visão foucaultiana, a sexualidade é o resultado de um atravessamento discursivo em uma construção que se deu a partir dos locais que tinham o poder de agenciar enunciados de saberes de certo/errado, tornando-se por sua vez um saber comum, ou seja, valores que a maioria das pessoas compartilha e considera como uma única verdade sem colocar em questão outras possibilidades, sendo estas possibilidades vistas, previamente, como erradas.

Segundo Michel Foucault, estaríamos envolvidos por um discurso que já é visto como verdade, embora possa ser superado, que nos divide e classifica em sãos e doentes.

Estaríamos, então, envolvidos em uma teia já bem consolidada – mas não impossível de ser superada – que divide os valores que foram ditos como ideais quando o assunto é sexualidade. Deste modo, a sexualidade é um fenômeno encarado pela maioria como responsabilidade das instituições legitimadas (escolas, tribunais, clínicas médicas e psicológicas, etc.) que devem cumprir o papel que a maioria espera, ou seja, agir de maneira correta e corrigir o doente, o abominável. (FOUCAULT, 1987, apud, MELO; ROSA; BARRETO, 2012, p.3).

O confessionário católico faz com que o sujeito discursse a respeito de sua sexualidade, sendo, assim, um dispositivo capaz de produzir efeitos sobre o próprio sujeito. Porque, como nos lembra Anthony Giddens, a sexualidade, mais do que biológica, é social.

Mas é Foucault que vai associar de maneira mais clara a sociedade moderna à ascensão do “poder disciplinar”, características da prisão e do asilo. O “poder disciplinar” produz “corpos dóceis” controlados e regulados. O que, certamente, não implica uma docilidade irrestrita e totalizante. Ainda que haja um “poder disciplinar”, ainda há os corpos indóceis que se rebelam contra tal poder. Mais adiante nos interessará, exatamente, saber até que ponto a escrita de Clara Averbuck se coloca dentro dessa in/docilidade.

O saber gera poder e não é possível esse saber sem comunicação, sem prestarmos atenção nos indivíduos. O acesso as informações e segredos fazem com que a Igreja Católica consiga dessa forma controlar a vida de seus fiéis, moldando-os de acordo com suas regras.

Não é possível, no entanto, criar um saber independentemente do que ouvimos, olhamos e dizemos dos indivíduos. Isso implica uma contínua extração, interpretação e registro de conhecimento. Assim como a psiquiatria fez o “louco” falar para criar um conhecimento sobre ele e assim controlá-lo, a lógica da comunicação de massa criou um espaço para as mulheres falarem. Começou assim a produção de um saber sobre o feminino baseado nos valores e idéias dos próprios meios de comunicação. Tendo surgido nas revistas, a confissão aos meios de comunicação espalhou-se para todos os outros veículos, que se articularam ao pensamento científico na produção de seus conteúdos. (HOLLENBACH, 2006, p.5)

Podemos, assim, traçar uma rota em que a confissão, como meio de se alcançar uma suposta verdade sobre si mesmo e se construir subjetivamente, emerge da Igreja

Católica, é levada ao divã do psiquiatra e após isso, se espalha pelas revistas, televisão e também os blogs. Como lembra Gabriela Boemler Hollenbach, deslocada do discurso religioso para o discurso médico, a confissão alcança, hoje, espaços midiáticos:

Enquanto as verdades eram resultado do saber gerado pela Igreja Católica, o confessionário foi o lugar privilegiado para a confissão do sexo e a descoberta de si. Mais tarde, quando o pensamento científico tornou-se a forma mais legítima de conhecimento, o ritual de confissão deslocou-se do confessionário para o divã do psiquiatra. Quando, ao longo do século XX, os meios de comunicação passaram a ser os principais responsáveis pela colocação do sexo em discurso, pelo armazenamento e difusão das “verdades” acerca da sexualidade, eles também se transformaram em um espaço de confissão. Isso porque, conforme Foucault (1988, p.66), “a verdade cura quando dita a tempo, quando dita a quem é devido e por quem é, ao mesmo tempo, seu detentor e responsável”. (HOLLENBACH, 2006, p.4)

Danielle de Medeiros Sousa destaca o caminho percorrido que começa nos Confessionários Católicos e que chega ao divã de Freud, onde, segundo a autora, as mulheres puderam tocar nos assuntos mais vergonhosos e pudicos sem que fossem desacreditadas ou tivessem suas bocas cobertas pelo preconceito contra a mulher mantido na época. Fundada por Sigmund Freud, a psicanálise é a conversa entre paciente e psiquiatra. O próprio Freud inicia sua clínica com pacientes mulheres que manifestavam o chamado mal do século: a histeria. A histeria, associada a “fraqueza de caráter” feminino, levava ao descrédito da fala da mulher, muitas vezes qualificada como fantasiosa, mistificadora. O espaço de dissenso socialmente atribuído às mulheres até o início do século XX era muito limitado. A fala denunciadora, contestatória, ou que expressasse o descontentamento em relação à sua posição no mundo.

Seu pensamento, quando posto na ação da fala, ficava retido ou entre as paredes de um confessionário e suas posteriores penitências ou em conversas escusas com outras mulheres. Na escrita, presa a romances que, sendo ou não engajados na causa feminina, eram tidos como de segunda, terceira categoria, já que mulheres não sabiam escrever. O século XIX, entretanto, traz duas grandes novidades que proporcionarão o começo de uma mudança nessa paisagem tão desalentadora: a psicanálise e o modernismo literário.” (SOUZA)

Relatar a intimidade, então, antes prática relacionada diretamente a um saber/poder religioso, onde o confessionário servia como forma de a igreja controlar a vida sexual de seus fiéis (sendo que saber é ter poder sobre a vida dessas pessoas), torna-se, com a psicanálise, uma cena de fala em que o/a analista ouve a paciente em suas agruras da repressão sexual. Mais recentemente, o relato da intimidade é desvendado na internet, sem que essas pessoas precisem ser convidadas a se confessarem diferente do que ocorreu na Igreja Católica. Que mesmo com todo o poder, na virada do século XV para o século XVI foi marcada pelas crises internas, o que levou à obrigatoriedade da confissão anual, sendo que

aquele que não comparecesse à confissão seria excomungado. A importância estava na frequência, mais do que no conteúdo confessado, pois precisavam ter certeza de que os fiéis estavam professando a mesma fé. Pensa-se que o confessionário só existe nas igrejas e que apenas lá teríamos que contar nossos pecados e pensamentos impuros, quando por certo dizemos no nosso dia a dia, verdades sobre nós mesmo, nesse jogo de curiosidade comum, assim como no confessionário.

No discurso virtual sobre sexo, a relação de poder também se alterna constantemente. Um quer tirar do outro os detalhes da intimidade alheia. Ao mesmo tempo, mantê-lo ali, como observador do meu discurso, como espelho e refletor, num jogo de autoafirmação. (<http://bocc.ubi.pt/pag/ravazzolli-simone-poder-discursivo.html>)

Contudo, podemos pensar que há uma mudança no lugar legítimo para confissão. Não que esta mudança tenha sido total, pois ainda temos o uso do confessionário nas Igrejas Católicas e não podemos dizer que todos utilizam a internet ou que todos se confessam através de outros meios de comunicação, sendo ele rádio, televisão, cartas, etc. Contudo parece haver, sim, um trânsito do impulso confessional para instâncias midiáticas. Gabriela Hollembach, por exemplo, se alinha à nossa perspectiva quando coloca o blog como sendo um lugar onde há confissão, mais uma vez estaremos afirmando que o blog é a junção do diário íntimo e do confessionário e concordar que existe a confissão de si através do mesmo.

Contudo, podemos pensar que há mudança no lugar legítimo para confissão, não significa que esta mudança tenha sido total, pois ainda temos o uso do confessionário nas Igrejas Católicas e não podemos dizer que todos utilizam a internet ou que todos se confessam através de outro meio de comunicação, sendo ele rádio, televisão, cartas, etc. O trecho abaixo confirma muitas de nossas idéias.

Partindo da idéia de Michel Foucault de que o saber produz poder, e de que este saber se constrói a partir da contínua extração de conhecimento dos indivíduos de uma época, este artigo discorre sobre as mudanças no lugar legítimo para a confissão de si ocorridas no século XX. A hipótese é de que, neste tempo de blogs, fotologs, Orkut, Big Brother e confissões televisivas de todo o tipo, os meios de comunicação se tornaram um desses lugares de confissão de si. (HOLLENBACH, 2006, p.1)

Ao falarmos que Clara Averbuck desabafa seus medos e angústias e que compartilha suas felicidades e descobertas, também podemos usar o exemplo abaixo onde mulheres se expõem por não concordarem com o papel que a elas foi dado. Acredito que a escrita aconteça em momentos de desconforto, de extrema raiva, tristeza e de extrema felicidade, a sempre um impulso que nos leva a escrever e a acreditar naquilo que está escrito

mesmo que o mesmo seja ficcional. Escrever é mudar no papel o que por horas não pode ser mudado na vida real. Cott mostra

que essas expectativas diferenciadas criadas pelos meios de comunicação em torno da nova mulher no período entre guerras ofereceram um amplo terreno para o conflito psicológico. Conflito este que pode ser comprovado pelo sucesso de um novo gênero de revista feminina que surgiu na França, no final dos anos 30: *Confidences*, lançada em 1938, inaugurava o gênero confessional e trazia relatos autobiográficos de leitoras que, aflitas com a gestão dos novos e diferentes papéis sugeridos a elas, endereçaram suas angústias para os próprios meios de comunicação de massa. (COTT, 1991, p.106)

A mídia tem facilitado para o grande público trazendo cada vez mais próximo as confissões e verdades sobre as pessoas famosas ou desconhecidas. Um exemplo de espetacularização do eu, que também será explanado no texto é o *reality show*, uma das formas mais populares de revelação da vida privada vista na mídia, que alcançou grande audiência e conquistou atenção.

Selecionando e dando visibilidade a alguns discursos em detrimento de outros, além de adequá-los à sua linguagem a fim de torná-los inteligíveis para o maior número de pessoas, a mídia se transforma em um importante local para a produção de “verdades” que norteiam a vida individual e coletiva. (HOLLENBACH, 2006, p.1)

Maria da Graça Meneghel, apelido Xuxa, a entrevista realizada no programa da TV Globo, *Fantástico*, no domingo do dia 20/05/2012, confessa algumas de suas histórias mais íntimas deixando boa parte do país pasmado. Xuxa está no texto para confirmar mais uma vez que a confissão não se encontra apenas na Igreja Católica, mas que além do divã se encontra também na mídia com muita eficácia. Conduziremos a discussão pensando em que a confissão modifica e constrói a subjetividades dos seus confessos.

A apresentadora Xuxa Meneghel é muito conhecida pelo trabalho feito para o público infantil, embora tenha trabalhos que geraram e geram polêmicas como fotos nuas e vídeos adultos. Foi e é vista como a rainha dos baixinhos em alusão a milhares de crianças que acompanham seu trabalho. Muitas dúvidas e curiosidades surgiram ao escrever em torno da vida de Xuxa, uma das questões seria: O que Xuxa estaria tentando fazer para si ou para outros confessando sua infância pobre no subúrbio, vítima de pedófilos? Seria essa uma tentativa da mídia para conseguir fama e lucrar com a história triste da personagem, como afirma abaixo Luís Eustáquio Soares? Seria um pedido dela para que pudesse se livrar da angústia e revelar seus segredos mais íntimos aliviando assim seus ombros do peso da verdade? Seria tudo isso espetacularização apenas?

Embora Xuxa já tivesse uma carreira consolidada, uma nova Xuxa nasce após a entrevista, uma nova subjetividade foi construída e por consequência a apresentadora não pode mais ser vista como antes, pois as confissões fazem dela outra pessoa.

As confissões de Xuxa no Fantástico detêm um ponto sísmico subjetivamente obscuro proibido cuja verdade deve ser publicitariamente revelada para o público: a violação sexual de que foi vítima na sua infância e adolescência. Xuxa confessa a verdade de que foi vítima de pedófilos, verdade publicitária porque serve antes de tudo para produzir audiência.
(http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed696_michel_foucault_e_as_confissoes_da_xuxa)

O valor que tem a verdade, já vista pela Igreja Católica como algo valioso e extorquida no período medieval. A confissão tem valor para o divã do psicanalista, e ainda mais para a mídia que colhe frutos materiais. Após a confissão, nos questionamos quem é a mulher ali apresentada. Cada nova revelação faz com que enxergamos de diferente forma a personagem e por vezes confundi-la com a sua verdadeira identidade, que busca a nosso ver esquecer o passado triste no subúrbio por meio das revelações.

Luís Eustáquio Soares acredita que Xuxa, com suas roupas provocantes e confissões em rede nacional, esteja influenciando de modo negativo seus fãs. Pensamos que aqui a confissão não influencia apenas aquele que se confessa e tem o retorno daquilo que expõe. Mas também aquele que está como leitor/espectador/ouvinte. No caso de Xuxa, figura pública, influencia subjetivamente tantas outras pessoas por meio de sua “verdade”, que, como o autor diz, não se sabe se seria a verdade de Maria da Graça Meneghel na vida real ou de Xuxa quanto artista. E podemos olhar mais criticamente esse julgamento moral da “confissão” de Xuxa. Se por um lado há um aspecto espetacularizante, há, por outro, esse julgamento da intimidade como pecado, nos moldes do confessionário da Igreja Católica.

Tendo em vista, pois, a Xuxa como personagem produzida midiaticamente, penso que a verdade literal que deve ser considerada é esta: Xuxa foi agenciada midiaticamente para despertar, provocar e fazer confessar, em carne e osso, a identidade da sexualidade infantil no Brasil, razão pela qual ela pode ser perfeitamente considerada, sob esse ponto de vista, como a maior – a Xuxa como personagem midiática, bem entendido – pedófila do Brasil, se entendemos a pedofilia não apenas como uma violação ou estupro do corpo infantil, mas também e antes de tudo como violação programada do corpo de crianças e de adolescentes, através do estímulo sexual precoce nos moldes do padrão machista e patriarcal, com o claro objetivo de reduzir a libido humana à alienada função sexual associada ao consumo de massa.
(http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed696_michel_foucault_e_as_confissoes_da_xuxa)

Se, por um lado, o debate em torno da confissão privilegia seu caráter oral (destacando a importância da “voz”, da vocalização no processo), por outro lado, podemos

pensar a expressão escrita confessional. Aqui, a confissão ganha outra dimensão, aproximando-se o diário. Ferreira comenta que

(...) a escrita apresenta um papel bem próximo ao da confissão, no ato da confissão a presença do outro desempenha dado feito sobre quem confessa o mesmo efeito “a escrita o exercerá na ordem dos movimentos interiores da alma”. Mencionamos a carta, mas vale lembrar que entendemos o diário como um meio de confissão. (FOUCALT, 2006, P.145, apud, FERREIRA, 2010, p.6)

A escrita tal qual o pensamento está para nos constituir e nos modificar. A minha experiência na criação literária e o tempo em que lecionei me permitiram perceber que as meninas escrevem poemas que depois de algum tempo terão outros significados para elas. Assim como os pensamentos, o que lemos vai mudando e nos modificando também. Outro exemplo que pode ser dado é o não entendimento de um livro que anos depois se torna nosso livro de cabeceira preferido. É preciso que refaçamos nossos pensamentos e isso pode ser feito através da escrita, para que vejamos o quanto mudamos. Segundo Foucault (2006, p.149), “trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito; reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si”.

A construção da subjetividade por meio da escrita seja ela em diários, blogs ou qualquer outro meio, pode modificar o sujeito que ali escreve. Segundo Ferreira (2010, p.5), “Sabendo que é via discurso, e nesse caso também escrita, que acontece a emergência do sujeito, percebemos que o sujeito do discurso se faz e se (re)faz ao longo da narrativa”. Um ponto que também deve ser discutido é a construção da subjetividade através do outro. Sendo esse outro o que vai ouvir a confissão e julgá-la, trabalhando assim a subjetividade daquele que se expõe.

Após a discussão sobre confessionalismo, nos aprofundaremos agora na discussão sobre diário íntimo. Pensando primordialmente nos diários que nossos antepassados não nos deixaram. Poderíamos ter uma imensa biblioteca de livros autobiográficos dos grandes nomes da história, mas visto que a intimidade era algo que eles prezavam o mesmo não foi possível.

Consideramos que a insuficiência ou a falta de visibilidade dos diários íntimos no Brasil é, em grande parte, resultado de escolhas efetuadas por nossos antepassados, que muitas vezes optaram por destruir seus registros íntimos para não correrem o risco de ter sua vida devassada pela curiosidade alheia. (HENRIQUE, 2005, p.1)

Talvez nossos antepassados foram envolvidos pelo medo de terem seus segredos descobertos ou de serem olhados de forma diferente. Temos que lembrar que na contemporaneidade a vida acontece diferente da rigidez de tempos atrás.

Ao revelar verdades outras, a publicação do diário íntimo profana ídolos, destrói mitos, desestrutura o equilíbrio que sustentava o “clã”. Por outro lado, as outras verdades reveladas pelas práticas de escrita de si são um instrumento precioso para se demonstrar as alterações que marcam a trajetória de um indivíduo ao longo de sua existência. (HENRIQUE, 2005, p.10)

Além do descarte dos diários por quem os escrevia, ainda existiam outros empecilhos para que os mesmos não sejam encontrados hoje. Para Freire (2003, p.45) “nossas avós, tantas delas analfabetas, mesmo quando baronesas e viscondessas, satisfaziam-se em contar os segredos ao padre confessor e à mucama de estimação”. O autor já dizia da importância da vida dos antepassados, do cotidiano vivido por eles como forma de nos completar. Afinal nada surge sem ter um começo, um lugar de partida. E conhecê-los melhor seria também uma forma de descoberta do mundo atual.

Sem esquecermos que mesmo tendo acesso aos diários não estaríamos lidando com a realidade e sim com a sua representação, o que pode gerar controvérsias e exageros por parte do escritor. Fonseca nos adverte que é necessário “estar atento às múltiplas possibilidades da trajetória de um indivíduo é fundamental para não sermos vítimas do que Pierre Bourdieu (1996) chamou de “ilusão biográfica” - a saber, a crença de que a vida é algo coerente e linear” (FONSECA, 2003, p. 11).

Talvez seja essa uma das grandes preocupações dos leitores de Clara, já que seus escritos falam sobre a sua vida, mas não temos como provar se tudo ali realmente aconteceu ou se foi inventado pela autora. Clara Averbuck foi por diversas vezes questionada pelos seus atos, assim que colocou sua intimidade a público. Até mesmo os que não a conheciam, se sentiam amigos íntimos, no dever de apontar para ela o que estava certo ou errado na visão da sociedade. Nos seus blogs ela escreve sobre seu cotidiano e fala arditamente de coisas que presencia e pessoas de quem não gosta, sem muito recato. Em algumas postagens no blog *Adios Lounge*, a escritora reclama sobre a pressão que sofre por conta dos fãs que querem novas postagens, querem a presença ativa da escritora no blog e que nem sempre é possível atender aos pedidos.

blog é uma merda, se você não escreve no blog, te mandam e-mails reclamando do abandono, se está se sentindo mal e escreve no blog, te escrevem reclamando que você reclamou, se você está feliz e escreve no blog, te acusam de só escrever de si mesmo. se você cansou de ficar reclamando e ficando feliz publicamente porque causa muito furor e foi trabalhar, dizem que você está negligenciando seus importantíssimos leitores. então você publica um trecho de seu novo livro no blog e ele VIRA UM

LIVRO DE BLOG. se você escreve um conto ficcional, ele vira um FATO CUSPIDO E NARRADO EM UM BLOG, depois ainda perguntam por que eu canso. mas aí fico com uma saudadinha de poder publicar a qualquer momento e faço um blog qualquer escondido. leva um tempo até descobrirem e é legal. Depois, quando descobrem e começam a achar que o meu e-mail é um SAC, é hora de acabar. (adioslounge.blogspot.com.br)

Seu depoimento deixa transparecer o investimento que leitores e escritores têm nos blogs pessoais: estes se tornam espaço de trocas intensas entre os sujeitos, algo que se mostra mais difícil na escrita publicada em livros. Os blogs respondem à aceleração do tempo no mundo contemporâneo. Por outro lado, os blogs criam a possibilidade de encontros subjetivos de forma quase inaudita: são foros potenciais de discussão e abertura para o dissenso.

Abaixo questões primordiais para que entendamos a constituição da identidade por meio de apontamentos feitos por Sérgio Barcellos sobre os escritos de Culler. O primeiro segmento aponta para o sujeito que tem sua subjetividade fixa e que se constitui antes de atos e palavras. O segundo tem sua subjetividade construída através do meio em que vive. O terceiro que é o que mais nos interessa, é o segmento que tem a identidade como algo pronto, mas que pode ser constantemente moldado e mudado conforme atos e palavras. Confirma nossa teoria de construção da subjetividade através da internet. E o quarto segmento constitui a identidade por meio de atravessamentos sociais.

O primeiro segmento aponta para a possibilidade de a identidade ser algo imanente, remetendo a um sujeito autônomo, cuja identidade já se encontra constituída previamente aos seus atos e palavras. O segundo compreende a noção de identidade individual, porém determinada a partir de sua inserção sócio-cultural. Nesse segmento, percebem-se distinções de gênero, raça e nacionalidade, contudo, ainda como resultantes fixas e inalteráveis. O terceiro segmento proposto por Culler seria uma combinação entre a identidade como algo dado, mas também moldado pelos atos e palavras, o que caracteriza essa identidade como fundamentada em uma certa essência, embora em constante mudança. Por fim, o quarto segmento seria uma espécie de identidade pós-moderna, que enfatiza tanto a inexorabilidade de sua natureza pré-determinada e individual, quanto suas flutuações de acordo com seu local de inserção, seu contexto social, cultural, político, ideológico, etc. Esse segmento parece trabalhar com a alternância de cada um dos quatro pontos cruciais da reflexão sobre a constituição da identidade. (BARCELLOS, 2007, p.44-45)

Abaixo Sérgio Barcellos diz que Culler insinua que o leitor, sujeito em formação, tem sua subjetividade modificada através do contato com alteridades.

Culler parece insinuar que uma das contribuições da narrativa literária teria sido a construção da identidade de leitores, através da oferta de diferentes pontos de vistas com os quais leitores se identificariam e se reconheceriam enquanto sujeitos. Sendo assim, seria através do contato com alteridades que o leitor – sujeito em formação – constituiria sua identidade. (BARCELLOS, 2007, p.46)

No início nossa preocupação era a subjetividade do autor, no caso da autora Clara Averbuck que é nosso objeto de estudo, para assim entendermos tantos outros escritores de blogs, que escrevendo suas confissões serão marcados subjetivamente, passando por fases de aceitação e discordância com seus leitores.

No trecho abaixo o autor fala sobre mudanças na subjetividade que a leitura do diário, sendo ele de outra pessoa, faz com o leitor, que neste caso lê não apenas por curiosidade, mas como reconhecimento de si próprio nos escritos. Um exemplo do espelhar-se para se construir subjetivamente são as matérias publicadas nas revistas voltadas para o público adolescente. Essas revistas são direcionadas totalmente para os seus leitores e em determinados trechos lemos frases como: “Você já pensou em viajar?”, “Você sabe qual roupa levar ao ir à praia?”, “Sabe como conquistar o gatinho que você ama? Não? Então leia as dicas abaixo!”, entre tantas outras perguntas, questionários, enquetes e dicas direcionadas ao leitor, para que o mesmo sinta que o texto é feito para ele. Acredito que o sucesso dessas revistas está em como elas prendem o seu público alvo, o que no blog não é tão escancarado, mas que ainda assim muitas pessoas utilizam desses textos dos blogs como forma de entender a vida alheia e encontrar a própria identidade. Os bons textos precisam deixar brechas para que o leitor se veja como em um espelho, se reconheça e se encante pelos escritos, como se fossem feitos para si. Talvez esteja aí a resposta do sucesso de Clara e de tantos outros blogueiros.

Da relação entre quem lê e para quem se escrevem os diários íntimos, conclui-se comumente que a motivação de um leitor no processo de leitura de narrativas de vida seria menos sua curiosidade em relação às confissões e revelações daquela subjetividade narrada e mais um movimento de tentativa de reconhecimento de si próprio. A experiência de vida relatada pelo diarista ou autobiógrafo seria interessante por possibilitar ao leitor projetar sua subjetividade, em vez de aceitar passivamente os supostos segredos ali revelados. [...] E, em consequência disso, abordar a leitura da escrita subjetiva como um exercício de autodescoberta do leitor, pela sua presença enquanto alteridade nas escritas do eu e não apenas pela projeção de sua subjetividade no ato da leitura. Seu papel na etapa da produção estaria, a princípio, na forma como o sujeito se descreve em seu território próprio, que é o da escrita do eu, e, com isso, descreve o processo de constituição de sua identidade - que se forma, entre outras maneiras, pela visão do outro e pela interação com as alteridades. (BARCELLOS, 2007, p.50)

Conforme Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, existem três concepções que auxiliam, na reflexão sobre a noção de sujeito dentro da escrita autobiográfica. O primeiro seria o sujeito iluminista, centrado, unificado, dotado de consciência, razão e ação. O segundo seria o que nos interessa, um sujeito sociológico, que vive em relação com os outros e com isso sofre mudanças subjetivas. Partiríamos daqui para confirmar que a internet tem aumentado a velocidade desses atravessamentos, culturas, raças,

credos tem se mesclado cada vez mais. Hoje temos a possibilidade de conversação com pessoas do mundo inteiro e não se descarta a possibilidade de os blogs sendo lidos e entendidos por pessoas de outros lugares, possam mudar a compreensão delas sobre si própria. O terceiro sujeito seria o pós-moderno, que traz sinais de pluralidade de identidades, identidades essas que não encontram mais suas origens, o lugar de origem por vezes é o mais incerto.

Em seguida, identifica um sujeito sociológico, aquele que contraria a idéia de autonomia e que se forma em sua relação com os outros. O núcleo do sujeito – “o centro essencial do eu” - ainda existe, mas há mudanças que ocorrem em função do diálogo instaurado entre essa identidade e outras pertencentes à sua cultura e a “mundos culturais exteriores” (BARCELLOS, 2007, p.50)

Beatrice Didier não acredita que o termo “íntimo” caiba quando falamos de diário, pois temos muitos diários que são publicados pelos seus autores deixando a intimidade para vir a público e outras questões abaixo bastante relevantes para pensarmos o diário.

Beatrice Didier também reconhece como problema inicial dos estudos sobre diário a adesão do adjetivo “íntimo”. Segundo ela, essa noção de intimidade é bastante pouco científica e sobretudo estranha à consciência moderna. Íntimo, o diário, porque ele precisa escapar das indiscrições do outro? Mas não está o outro sempre presente, finalmente? E certos autores não organizam, eles mesmos, uma publicação de seus diários em vida? ... Por fim, parece que o termo ‘íntimo’ não tenha sido conservado a não ser para afastar qualquer equívoco com o jornalismo. (DIDIER, 1976, p.8)

Barcellos traz a discussão sobre para quem os diários são produzidos. Para ele, o diarista visa um leitor. Mesmo os autores que esconderam seus diários ou o destruíram ao final da vida, não estariam livres dessa idealização. Abaixo o autor explica que há um jogo textual para aqueles que desejam ser lidos, algo construído coletivamente pela rede de alteridades.

No caso de diários íntimos, fica evidente que tais premissas pressupõem que um diário venha a ser publicado, ou que, pelo menos, chegue a ser lido por outra pessoa para que essa interação se dê. Há casos numerosos de diários íntimos que são escondidos ou destruídos ao final da vida do diarista, para que não sejam lidos. Ainda assim, tais diários não estariam livres de idealizarem um leitor e de nutrirem, em relação a esse leitor ideal (imaginário ou virtual) uma postura que em muito se assemelha àquela dos diaristas que se desejam lidos: uma encenação voluntária da subjetividade e uma inscrição, nesse jogo textual, de um sujeito que não é exatamente aquele esboçado pela reflexão do diarista, mas aquele construído coletivamente, pela rede de alteridades. (BARCELLOS, 2007, p.52)

Para Barcellos, o que o sujeito pensa de si é chamado de auto-identidade, que seria uma abstração. E o que ele pensa de si através da relação com o outro e da visão do outro sobre ele, é o que ele chama de meta-identidade.

A partir daí, entendem que uma auto-identidade, ou seja, o resultado da perspectiva direta que um sujeito tem de si, seria uma abstração, pois é em sua relação com o outro e com os outros e, a partir de cada visão que cada um tenha dele, é que constrói o que chamam de meta-identidade. O fato de o sujeito reconhecer ser um outro para o outro e que a visão que tem da visão que os outros têm dele ser uma preocupação constante, torna a visão que tem de si uma meta-identidade. (BARCELLOS, 2007, p.52)

Outra pesquisa que amplia o nosso conceito de Confessionário é a realizada feita por Suzana Kilpp que compara o Confessionário Católico com o confessionário do BBB (Big Brother Brasil, programa televisivo, transmitido pela Rede Globo). Conforme Kilpp:

A TV é uma grande fábrica de molduras no interior das quais recicla e atualiza restos culturais. Neste contexto, aparece o confessionário reality, o cômodo mais importante da casa no programa Big Brother Brasil, veiculado pela Rede Globo de Televisão, como atualização do confessionário católico. Ele naturaliza a exposição de pecados e pecadores na TV e atua sobre o imaginário como os da privacidade, comunidade e mediação. (KILPP, 2003, p.1)

O público, tanto na TV quanto na internet, não toma o distanciamento necessário do que ali se apresenta, questiona, julga, perdoa e condena. E não é diferente com os blogs de Clara Averbuck, nem com o programa Big Brother Brasil. São lugares onde a escritora e os participantes estão expostos para qualquer tipo de aconselhamento, julgamento, perdão ou condenação. Para Kilpp:

Ao contrário, muitas emissoras e muitos programas de TV remetem a ela (realidade televisiva) com frequência nos modos como expõe e tratam os maridos de mulheres traídas, os pais de filhos abandonados, os criminosos em geral, os políticos corruptos, os pedófilos, os filhos abandonados, os exibicionistas e tantos outros sujeitos que a TV acolhe em seus mundos, faz falar, julgar, perdoar ou condenar. (KILPP, 2003, p.4)

A obrigatoriedade está na confissão dos fiéis na Igreja Católica. Numa época em que a igreja passou por crises e decidiu que fosse anual a confissão como forma de reaproximar os fiéis da igreja e, por conseguinte controlá-los. Todos deveriam participar, caso contrário não teriam a salvação. No trabalho de Clara Averbuck e no programa televisivo, BBB (Big Brother Brasil), também são identificados confessionários e confissões dos membros envolvidos. No caso de Clara Averbuck, a autora teve sua vida tomada pela repercussão dos seus escritos na internet, o blog que costumava escrever por lazer tornou-se um dos principais na rede e sua fama trouxe tanto pontos positivos quanto negativos para seu trabalho. Então os fãs começaram a fazer parte de sua vida pessoal de forma intensa pedindo-lhe pra que escrevesse cada vez mais, já cansada de tanto atender aos pedidos, ouvir críticas e escrever por obrigação, decidiu desistir do blog “Brasileira!preta”, mas arrependida e com

saudade do tempo em que escrevia logo criou o blog “Adios Lounge”. Já no BBB, a obrigatoriedade da confissão está no momento em que os participantes do programa são levados a se confessarem uma vez por semana, nas conversas o que precisa ser confessado diz respeito a convivência com outros participantes e como o programa tem como objetivo intrigas e amores intensos para que haja audiência, o que lá é confessado por todos se transforma até chegar ao telespectador. As falas e segredos dos participantes se intercalam, contrariam e o telespectador tem acesso apenas ao que é exposto, sendo facilmente manipuladas as gravações, favorecendo um deles e, por conseguinte desfavorecendo os demais.

No livro *Espaço Biográfico*, Leonor Arfuch escreve detidamente sobre as diferentes formas tradicionais de relatar a própria vida. Segundo Arfuch (2010, p.10) “a narração da própria vida como expressão da interioridade e afirmação de “si mesmo”.

Buscamos analisar esse livro pelo fato de precisarmos de subsídio para tratar dos escritos de Clara. Assim como citado acima nossa escritora Clara Averbuck, tem a narração como forma de se expressar afirmando seus pensamentos e experiências.

Assim, o diálogo na proximidade com o autor tentará descobrir, além da trama e das vozes, das adivinhações e das armadilhas do texto e mesmo das explicações preparadas para a ocasião, aqueles materiais indóceis e misteriosos da imaginação, de que maneira a vida ronda a literatura ou a literatura molda a vivência, “sobre que terreno de experiências, de leituras, de linguagem surge a ficção, inclusive para ocultar esse terreno, para que desvaneça a vida e apareça a escrita” (SARLO EM SPERANZA, 1995, P.11, apud, ARFUCH, 2010, p.212)

Assim como Clara, tantos outros escritores começaram pelo prazer de escrever e quando se deram por conta estavam mergulhados no mundo da escrita, arriscando tudo para se manterem nele e conseguirem reconhecimento. Em uma entrevista para a revista *Marie Clarie*, Clara revela estar passando por momentos difíceis financeiramente e que a vida como escritora não é tão fácil como as pessoas acreditam ser, que suas contas ficam meses sem serem pagas até que finalmente, consegue um trabalho e as quita e que é sempre dessa forma.

Toda a nossa história é a de querer ser escritor. Chega um momento em que a gente chega à conclusão – errada ou não – de que é. [...] Todos quisemos ser Rimbauld e não fomos. Depois não resta nada porque a gente arrisca tudo nisso. (CÉSAR AIRA, PP, apud, ARFUCH, 2010, p.236)

A “escrita de si” veio para desatar algumas amarras morais que insistem em nos prender e trazer a luz fatos e experiências, que mesmo não contadas sempre existiram.

Se a autobiografia pode se desdobrar dilatadamente da estirpe familiar à nação, o diário íntimo promete, em vez disso, a maior proximidade à profundidade do eu. Uma escrita desprovida de amarras genéricas, aberta à improvisação, a inúmeros registros da linguagem e do colecionismo – tudo pode encontrar lugar em suas páginas: contas, bilhetes, fotografias, recortes, vestígios, um universo inteiro de ancoragens fetichistas -, sujeita apenas ao ritmo da cronologia, sem limite de tempo nem lugar. O diário cobre o imaginário de liberdade absoluta, cobiça qualquer tema, da insignificância cotidiana à iluminação filosófica, da reflexão sentimental à paixão desatada. (ARFUCH, 2010, p.143)

Outra vez nossa escritora Clara, chega para transpor essa barreira que impede as mulheres de se posicionarem nessa nova pintura, assim como os homens a fazem. E minimizar em seu blog e nos seus escritos, os limites impostos às mulheres, apresentando ao público uma mulher com sentimentos, ideais, raiva, amor, dúvidas, que se encontra pronta para as descobertas que lhe forem oportunizadas. Contando seus segredos, como diz Arfuch (2010, p.145) “O diário cobiça um excedente, aquilo que não é dito inteiramente em nenhum outro lugar ou que, assim que é dito, solicita uma forma de salvação”. Clara fez da internet o seu diário íntimo e seu trabalho coleciona cada vez mais fãs. Conforme Arfuch (2010, p.36),

esboça-se, a sensibilidade própria do mundo burguês, a vivência de um “eu” submetido à cisão dualista (público/privado, sentimento/razão, corpo/espírito, homem/mulher), que precisava definir os novos tons de afetividade, o decoro, os limites do permitido e do proibido e as incumbências dos sexos, que, no século XIX, se consolidariam sob o signo da desigualdade, com a simbolização do feminino como consubstancial ao reino doméstico.

Pensando na construção da subjetividade, acreditamos que Clara, blogueira, com inúmeros trabalhos na internet, tenha se construído de alguma forma através de seus leitores, que não apenas liam seus escritos, mas comentavam positiva ou negativamente sobre eles. O que nem sempre agradava a escritora, mas que podem ter influenciado em alguns momentos na construção da Clara que conhecemos hoje.

São as redes de interação que constituem os sujeitos, urdiduras que preexistem ao indivíduo, marcadas por uma necessária historicidade: “[...] assim como numa conversa ininterrupta as perguntas de um entram as respostas do outro e vice-versa [...] Assim a linguagem dos outros faz nascer também no sujeito que cresce algo que lhe pertence inteiramente como próprio [...], que é sua língua e que é ao mesmo tempo o produto de suas relações com os outros” (ELIAS, [1987] 1991, pp.71-2, apud, ARFUCH, 2010, p.92)

Mas podemos pensar o lado ruim dessa construção, que são os conflitos existentes entre o autor e leitor, quando se trata de sentimentos diferentes perante a mesma experiência. Pois a experiência vivida pela autora Clara Averbuck, nunca será a mesma contada para seus leitores cada qual vai ter da mesma história um entendimento e uma ideia diferente do que

houve. E isso pode gerar um conflito, envolvendo preconceitos e gostos contrários ao que está escrito. Segundo Arfuch (2010, p.130), “As biografias que ridicularizam ou denigrem seus sujeitos, apresentando-os em suas facetas mais íntimas e desagradáveis.”

E nem sempre é fácil não ser aceito pelo seu trabalho, ainda mais quando esse trabalho é sobre a sua vida. Pois para Arfuch (2010, p.130), “a existência será então algo que se pode narrar, mas não comunicar, compartilhar”.

(...) falar sobre a vida é sempre abrir um assunto de discussão, não é nunca uma simples enumeração de acontecimentos, e nesse sentido a conversa cotidiana, que aporta seu tom à entrevista, é exemplar: o relato e alguém não só habita, mas espera a ativa participação do interlocutor, seu comentário, consolo, sugestão ou admoestação. Aceitar a exposição pública do momento biográfico, oferecer esse dom da privacidade – mesmo estereotípico -, reduplica essa expectativa ao infinito, ainda que ela só se torne efetiva, e relativamente, na palavra do entrevistador. Lógica do dom que, mesmo assumida de modo inconsciente em muitos casos, não deixa de constituir uma aposta tão estratégica quanto arriscada, nessa busca de aceitação, nessa aspiração a ser “querido”, debilidade do herói ou da heroína de qualquer época. (ARFUCH, 2010, p.185)

E também porque para Arfuch, o autor conta sua história como forma de defender-se de histórias futuras.

Contar a própria história se transformará também aqui, irremediavelmente, em experiência do tempo e pugna contra a morte, uma espécie de antecipação aos possíveis relatos dos outros, uma disputa da voz, em resistência a toda expropriação futura. (ARFUCH, 2010, p.193)

Sendo que a confiança do leitor deva ser conquistada. Conforme Arfuch (2010, p.205) “o registro da afetividade é precisamente o que dá certo indício do “tipo de pessoa” de que se trata”. Clara doou aos seus leitores não apenas seu tempo e a sua intimidade, mas também a oportunidade de verem como uma personagem da vida real que tem o cotidiano assim como o deles se sairia, mostrando que possuía as mesmas indignações a respeito do seu país, as mesmas contas no final do mês, as mesmas incertezas na adolescência e teve o retorno dos fãs que sabemos pelo fato de deixar-se invadir por eles. Para Arfuch (2010, p.45) “as cartas fizeram as pessoas encontrarem não mais personagens imaginários ou míticos, mas a representação de si mesmos nos costumes cotidianos”.

A exposição cada vez maior, busca não apenas a vida das pessoas, mas também busca expor a morte. Podemos ver e ser vistos e o que antes chamava atenção por ser ficcional, vai dando espaço para o real, cenas cada vez mais chocantes e momentos cada vez mais íntimos vindo a público. Segundo Arfuch, “O apagamento das marcas ficcionais, parece ter se desdobrado de maneira incansável através dos séculos, prometendo uma distância

sempre menor de acontecimentos: já não se trata apenas de vidas “ao vivo”, mas também de mortes.”

Devemos também à internet por

“popularizar novas modalidades das (velhas) práticas autobiográficas das pessoas comuns, que, sem necessidade de mediação jornalística ou científica, podem agora expressar livre e publicamente os tons mutantes da subjetividade contemporânea. (ARFUCH, 2010, p.150)

Quando escrevemos uma autobiografia é a escrita do “eu” atual fazendo referência a acontecimentos passados. O que faz com que surja a interrogação do que é autobiográfico e o que é ficção. Já que o “eu” atual pode não ser fiel as lembranças que devam ser escritas.

“O valor referencial do estilo remete, pois, ao momento da escrita do “eu” atual. Essa autorreferência atual pode se mostrar um obstáculo para a captação fiel e a reprodução exata dos acontecimentos passados”. Esse atributo a hipotética “fidelidade” implica, por sua vez, uma interrogação clássica: qual o limiar que separa autobiografia de ficção? (STAROBINSKI, ([1970] 1974, p.66, apud, ARFUCH, 2010, pp.53-54)

E então vimos um interesse que antes se posicionava diante da vida dos famosos e que agora busca o cotidiano para se sorver de si mesmo, do seu próprio dia a dia, do seu espaço. E não mais viver de algo distante e ficcional, agora pessoas querem a fama e não apenas apreciar a fama de outras pessoas. Pois segundo Arfuch (2010, p.96): “o que não aparece na tela não existe”.

Reconhecemos aqui a verdade quase imediata: qual outro mecanismo levaria a essa atenção quase hipnótica sobre a desventura (pessoal, grupal, coletiva) ou sobre a crescente dificuldade do viver, que a tela global multiplica nos mínimos detalhes? E, para além de tragédias e catástrofes, qual outro motor impulsiona essa paixão do anedotismo, esse fuçar na minúcia cotidiana, reação mais primária e na palavra mais privada, que sustenta as variáveis infinitas do talk show ou reality show? Poderia se ver nesse deslize, que talvez impropriamente se dissesse “biográfico”, um deslocamento do interesse de vidas célebres e pelos grandes cenários para as vidas comuns, para o que poderia ser a “própria” peripécia, ancorada no lugar da ficção ou convivendo com ela. (ARFUCH, 2010, p.78)

Começou-se falando desses personagens reais e agora se mostra tudo o que acontece com eles e no exato momento em que acontecem. Podemos ter como exemplo o *Reality Show Big Brother Brasil*, onde os participantes ficam presos em uma casa completamente monitorados por câmeras. Os dias ali são acompanhados em detalhes pelo

público e discutido durante o programa, cada pequeno detalhe do cotidiano do participante se torna um verdadeiro espetáculo e vai fazê-lo ganhar o prêmio ou voltar para sua casa. Se ele não for gentil com os participantes ou for gentil demais será julgado, não se sabe o que agrada o público, por isso um jogo emocionante, que tem como vitoriosos desde os mais “bonzinhos” até os mais “excêntricos”.

Dos gêneros biográficos cunhados na modernidade, talvez seja esse o precursor da intimidade midiática, o que aprofundou a brecha para o assalto da câmara, o que contribuiu em maior medida para uma inversão argumentativa: antes, o íntimo podia ser dito, não mostrado: agora, se mostrado: agora, se mostra mais do que se diz. (ARFUCH, 2010, p.144)

Quando li Arfuch (2010, p.73), percebi que quando ela diz: “Avançando uma hipótese, não é tanto o “conteúdo” do relato por si mesmo - a coleção de acontecimentos, momentos, atitudes -, mas precisamente as estratégias”, talvez fossem as estratégias que nos convencessem como leitores dos blogs. Pode ser que antes de escritora Clara seja uma ótima estrategista e consiga fazer o marketing de seu próprio trabalho. Propaganda essa que seria o desnudamento da sua vida, que a moral não permitia que isso acontecesse. E assim como Henri Miller, o início foi composto por julgamentos e difamações, mas depois viu-se que ali está a descoberta de uma nova forma de escrita, que fugia à tradicional, mas que funcionava e que crescia de forma notória o número de fãs.

o aprender a viver através dos relatos mais do que pela “própria” experiência - , aparece como um dos registros prioritários na cena contemporânea, embora que não já não seja necessário espiar pelo buraco da fechadura: a tela global ampliou de tal maneira nosso ponto de observação que é possível nos encontrarmos, na primeira fila e em “tempo real”, diante do desnudamento de qualquer segredo. (ARFUCH, 2010, p.48)

Já questionava Arfuch (2010, p.61), “Que paixão desmesurada e dialógica impulsiona a tal extremo o desvelamento, a exposição e o consumo quase viciante da vida dos outros?” E será que temos as respostas para essas perguntas? Respostas para as curiosidades que temos perante a TV, a Internet, ou o rádio? Será que os leitores de Clara Averbuck sabem o porquê de acompanhar a vida dessa escritora desde que era uma adolescente? Será que isso nos influencia subjetivamente? Ou será que não precisamos disso e seria mero passatempo?

Por outro lado, a obsessão biográfica da mídia inclui cada vez mais a peripécia do homem e da mulher comuns. Não se tratará então somente de convocar sua voz para a satisfação da curiosidade diante de feitos insólitos ou acontecimentos de importância – como por exemplo singulares, “casos”, testemunhos, vítimas algozes - , nem do habitual deleite pseudoantropológico sobre histórias de vida do outro, o diferente, mas de uma presença duplamente inquietante, nem testemunho nem ficção, ou melhor, ambos ao mesmo tempo. (ARFUCH, 2010, pp.103-104)

E essa necessidade de conhecimento e descoberta da vida alheia, nem sempre é satisfatória. Será que a nossa vida é vista como sem novidades por nós mesmos? Será a vida dos outros nos agrada ao ponto de nos desinteressarmos pela nossa própria vida? Como afirma Leonor Arfuch (2010, p.99):

Assim, talvez a escala do íntimo/privado, que coloca em jogo uma audiência global, possa ser lida também como resposta aos desencantos da política, ao desamparo da cena pública, aos fracassos do ideal de igualdade, à monotonia das vidas “reais” em oferta.

A escrita seria o caminho também de um possível congelar do tempo, de uma forma de guardar o que foi bom, não apenas ofertar as outras pessoas o prazer de se encontrarem nos escritos, mas o prazer do próprio autor de se encontrar depois de algum tempo nesses escritos também. Conforme Arfuch (2010, p.144) “Difícil – inusual – é desvendar o caminho para voltar a ler suas próprias marcas”.

E mesmo que se queira fugir de uma cultura, não se pode camuflar as raízes. Segundo Arfuch (2010, p.141) “Nenhum autorretrato, então, poderá se desprender da moldura de uma época e, nesse sentido, falará também de uma comunidade”. Afinal, temos características que nos diferenciam dentro de uma comunidade e características ainda mais aparentes que nos diferenciam de outras comunidades.

A beleza da escrita está em se entregar constantemente no que se escreve e viver cada momento, pois a necessidade de se representar no papel é algo que não se explica, e como diz Silvina Ocampo, “dá muitas vantagens”:

Silvina Ocampo, entrevistada por María Esther Gilio (E, PP.80,82):

(...)

- O que a senhora pensa da vida? Pensa que viveu?

- Vivi – diz e fica pensativa.

- Sim?

- Não, não vivi – diz rindo. – Escrever rouba o tempo de viver e dá muitas vantagens.

(ARFUCH, 2010, p.185)

Do século XIX ao século XX, mudaram algumas coisas e as mulheres tiveram direitos permitidos através das lutas. Os diários íntimos foram e são um importante lugar onde a mulher pôde se expressar, também pode ser visto como lugar onde não encontramos a penitência e nem a culpa. Sendo que os escritos escondidos seriam quase que uma extensão do pensamento e secretos deveriam se manter durante toda sua vida útil e destruídos caso corresse o risco de serem lidos por outra pessoa. Em discussão sobre o Diário de Morley, Joviano (2010, p.5) diz: “Ao contrário da confissão religiosa, a que Helena fazia a seu

caderno não resultava em penitência, nem em repreensões, por isso só ali, no diário, algumas coisas que vivia poderiam estar: “Se vovó lesse isto que estou escrevendo aqui ela ficaria aborrecida comigo.”

O escritor passa a escrever sua própria vivência e se ater as dúvidas e questões que o cercam:

Assim, é ao indivíduo único, solitário, exterior e ao mesmo tempo acima da sociedade, que se pode relacionar a literatura – o escritor, o leitor e a própria criação – como expressão desviante e livre, não mais “narração” de informações e da tradição, mas criação íntima de possibilidades incomensuráveis; não mais “responsabilidade social”, e sim lugar da questão e da dúvida. (ALBERTI, 1991, p.70-71).

Os diários íntimos não só como meio de armazenar lembranças e informações, mas também como lugar onde o indivíduo ao se debruçar possa entender e se localizar por meio das escrituras, se construindo como sujeito e se diferenciando dos demais. A autora Lúcia Helena da Silva Joviano conta o quanto acredita ser importante o diário íntimo na construção da subjetividade.

Era o lugar necessário para o desabafo, para a elaboração e reelaboração de determinadas situações e vivências. Escrever é viver e imortalizar-se em um mundo de papel, construído por um eu a procura de si. (LÚCIA HELENA DA SILVA JOVIANO, 2010, p.12)

A escrita entendida como forma de organização. Eram contados pelo autor momentos de seu dia, que no futuro serviriam para estabelecer uma coerência interna, pois esses escritos lidos novamente reelaborariam os pensamentos. Para Foucault (2006, p.640), “Tratava-se de constituir a si mesmo como sujeito de ação racional pela apropriação, a unificação e a subjetivação, de um já-dito fragmentário e escolhido”.

Ravazzoli acredita que os sujeitos são compostos pelas formações discursivas, não como atuantes, mas como canais de reprodução desse discurso:

Tanto os sujeitos do discurso do confessionário, quanto dos chats, são moldados pelas formações discursivas e atuam dessas posições preconicionadas, como se não fossem agentes atuantes, mas canais de reprodução desse discurso. (<http://bocc.ubi.pt/pag/ravazzolli-simone-poder-discursivo.html>)

O livro *História da Sexualidade* de Michel Foucault foi utilizado para apontamentos que buscam refletir sobre a confissão nos blogs. Sendo que no século XVII, vigorava os gestos e atitudes libertinas. Segundo Foucault:

(...) os gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalos, entre os risos dos adultos: os corpos pavoneavam. (FOUCAULT, 2006, p.9)

No século XVII, houve o nascimento das grandes proibições, a sexualidade é cuidadosamente encerrada, muda-se para dentro das casas e os casais guardam o direito de falar, detêm a verdade e ditam as leis. Após toda liberdade, encerra-se de forma drástica e o sexo é tido apenas para reprodução, reservado aos casais que tinham segredos que giravam em torno do sexo, e passavam por recomendações e regras. Não poderia haver mais conversas sobre o assunto, razão para que as crianças não pudessem saber sobre e precisassem cobrir os ouvidos caso fosse mencionado algo.

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detêm a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar da sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. (FOUCAULT, 2010, pp.9-10)

No século XX, houve o afrouxamento dos mecanismos de repressão. Para Foucault (2006, p.11) “a história da sexualidade devia ser lida, inicialmente, como a crônica de uma crescente repressão”. E se o sexo é proibido de ser mencionado, então só em falar dele e de sua repressão já possui um pouco de transgressão deliberada. Também foi preciso reduzir o sexo “ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível”. (Foucault, 2006, p.21)

Imaginamos também que lugares como colégios no século XVIII não falem sobre sexo, entretanto, diz o Foucault (2006, p.30), “basta atentar para os dispositivos arquitetônicas, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior: lá se trata continuamente do sexo”. Parece-me que quando mais proibido o discurso sobre sexo, mais intensificado ele fica.

Falemos mais dele do que de qualquer outra coisa: obstinamo-nos nessa tarefa; convencemo-nos por um estranho escrúpulo de que dele não falamos nunca o suficiente, de que somos demasiado tímidos e medrosos, que escondemos a deslumbrante evidência, por inércia e submissão, de que o essencial sempre nos escapa e ainda é preciso partir à sua procura. No que diz respeito ao sexo, a mais inexaurível e impaciente das sociedades talvez seja a nossa. (FOUCAULT, 2006, p.35)

Não devemos falar em repressão do sexo quando houve a explosão da sexualidade no discurso. Nunca se falou tanto de sexo como após sua repressão. Quanto maior a proibição, maior a vontade de ir contra as regras, de transgredir.

Para controle maior, fez-se necessário a confissão dos fiéis, sendo que esta confissão não podia ser superficial, nem mentirosa e dissesse em detalhes tudo o que havia acontecido: olhares, toques e palavras. Segundo Foucault (2006, p.22-24): “a posição respectiva dos parceiros, atitudes tomadas, gestos, toques, momento exato do prazer – todo um exame minucioso do ato sexual em sua própria execução”. A pastoral cristã inscreveu como dever fundamental a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo das palavras.

Foucault (2006, p.62) acredita que “a confissão foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção de discurso verdadeiro sobre o sexo”. A confissão foi ganhando espaço em diversas áreas e tomou um papel central na ordem dos poderes civis e religiosos. Quando não dita de forma espontânea, é extorquida. Segundo Foucault (2006, p.59): “O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente”. O autor também deixa claro que deva haver a presença do outro na confissão, o motivo pelo qual não podemos nos confessar sem que nesse ritual tenha a presença ao menos virtual de um parceiro. Pois precisamos de um segundo sujeito para avaliar, julgar, punir, perdoar, consolar e prometer-nos a salvação.

Assim como no Confessionário Católico aqui citado, podemos tomar também como exemplo o *Reality Show*, onde os participantes têm alguns minutos do seu dia para confessar o que estão pensando em fazer para vencer o jogo, o que acham dos colegas, como se sentem no ambiente em que se encontram. Todas as respostas são ouvidas por um psicólogo que instiga o participante a falar cada vez mais sobre o que pensa estar acontecendo na casa e sobre suas táticas. Sendo que do outro lado, o telespectador e o leitor, assim como o padre no confessionário ou o leitor do blog, fazem parte do ritual, julgando, punindo, perdoadando, consolando e dando a salvação. Essa necessidade de se confessar que nos programas de TV e nos blogs não é obrigatória, porém passa pelo mesmo ritual de descoberta, de entrega de segredos e amostragem da vida particular.

Falar contra os poderes, dizer a verdade e prometer o gozo; vincular a iluminação, a liberação e a multiplicação de volúpias; empregar um discurso onde confluem o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e o esperado jardim das delícias. (FOUCAULT, 2010, p.12-13)

3 CLARA AVERBUCK ENTRE O DIÁRIO E O CONFESSIONÁRIO

Segundo Alex Primo (2008), temos 16 gêneros de blogs. Tal tipificação levou em conta principalmente as condições de produção dessas publicações digitais. Buscando encaixar os blogs de Clara em alguns desses gêneros e os nomear, ocorreu que as particularidades de cada postagem fazem com que os blogs se encaixem em 4 gêneros diferentes. Vejamos:

1. Profissional auto-reflexivo: o profissional fala sobre suas atividades no seu segmento de atuação. Aqui podemos dar como exemplo as postagens em que Clara fala sobre sua escrita e dá dicas sobre o seu blog ou ainda convida seus leitores para oficinas literárias.
2. Profissional reflexivo: o profissional reflete sobre temas relativos à área de atuação. Já no profissional reflexivo fala sobre outros escritores, sobre livros que tem lido, ainda em sua área de atuação.
3. Pessoal auto-reflexivo: é voltado para manifestações de opiniões e reflexões pessoais sobre si, sobre os outros e sobre a vida. É um dos que mais se encaixa, pois é o gênero mais usado por Clara. Pois foge um pouco da discussão sobre seu trabalho e fala sobre sua vida íntima, como em um diário.
4. Pessoal reflexivo: individual onde o blogueiro comenta informações que recebe, analisa criticamente as notícias da mídia e demonstra sua opinião sobre produtos culturais. Podemos exemplificar o pessoal reflexivo com as postagens recentes da autora em seu blog Clara Averbuck Oficial, que está cheio de postagens sobre aborto, feminismo, manifestações e tudo o que a mídia tem colocado em destaque e que Clara faz questão de discutir e dar opiniões.

Abaixo Clara afirma o que já havíamos falado sobre ela: o fato de se cansar de escrever por conta da pressão dos fãs, mas que logo a autora esquecia e voltava com algo novo.

Friday, July 10, 2009

Todo mundo já sabia

... que ia acontecer. só não se sabia quando.

pois bem, aconteceu.

eu fiz outro blog. rarara.

mas agora é mais chique; tenho meu próprio domínio. grande vírgula.

abracinho,

c.

(<http://adioslounge.blogspot.com.br/>)

A autora confessa o porquê de estar cansada de escrever, fala em detalhes como se sente e qual a reação dos fãs às coisas que escreve no seu blog pessoal. Além disso, desabafa que a relação custo/benefício do blog não está boa. Revelando sua vida financeira e incômodo com a relação que mantêm com os fãs.

Saturday, October 25, 2008

Adeus Lounge

blog é uma merda. se você não escreve no blog, te mandam emails reclamando do abandono. se está se sentindo mal e escreve no blog, te escrevem reclamando que você reclamou. se você está feliz e escreve no blog, te acusam de só falar de si mesmo. se você cansou de ficar reclamando e ficando feliz publicamente porque causa muito furor e foi trabalhar, dizem que você está negligenciando seus importantíssimos leitores. então você publica um trecho de seu novo livro no blog e ele VIRA UM LIVRO DE BLOG. se você escreveu uma crônica e publicou no blog, ela vira um TEXTO DE BLOG. se você escreve um conto ficcional, ele vira um FATO CUSPIDO E NARRADO EM UM BLOG. depois ainda perguntam por que eu canso. mas aí fico com uma saudadinha de poder publicar a qualquer momento e faço um blog qualquer escondido. leva um tempo até descobrirem e é legal. depois, quando descobrem e começam a achar que o meu email é um SAC, é hora de acabar.

ano que vem tem livro novo,
talvez dois:

eu quero ser eu (cosac naify)

e

o livro dos homens (male mal comecei mas já quero me afundar nele)

tem o email e telefone da flávia, minha assessora, na parte de imprensa pra quem precisar.

vou trabalhar porque a relação custo/benefício nesse negózi blog tá boa não.

então um beijo,

um abracinho,

dia desses eu volto.

(<http://adioslounge.blogspot.com.br/>)

Clara conta estar triste e coloca como sendo direito dela, já que é seu o weblog. Fala com ironia e percebe-se que com uma vontade de autonomia, uma busca pela soberania do sujeito/escritor em relação aos sujeitos/leitores.

Saturday, October 25, 2008

Perguntei?

SÓ DODÓI SEGUE.

sim, eu estou CHATA E RECLAMANDO. estou me sentindo MAL E DEPRIMIDA. POSSO? NO MEU PESSOAL E INTRANSFERÍVEL WEBLOG? AH, POSSO.

QUEM SE INCOMODAR PODE RECLAMAR AQUI.

GRATA.

(<http://adioslounge.blogspot.com.br/>)

A autora reclama dos atos de algumas pessoas nas ruas, reclama de como a cidade está mal cuidada. Coloca-se como observadora crítica e cronista de um mundo doente. Neste trecho percebemos a presença do diário íntimo quando é descrito passo por passo do dia de Clara, como a casa estava quando ela chegou, como se sentiu ao rever o seu lar, tudo de forma fluida e sem grande preocupação com a norma padrão. Afirma-se a necessidade de manter o instante na escrita, como se não houvesse tempo a ser perdido pressionando a tecla SHIFT para produzir letras maiúsculas. O diário de Clara constitui-se, também, em uma espécie de inventário das mazelas da vida contemporânea, que ela encadeia quase de um fôlego só, como se o olhar passasse panorâmico sobre a superfície das coisas, capturando imagens fragmentadas.

Friday, October 24, 2008

- Oi tudo jóia - não.

cheguei. pura hostilidade. chorei até doer no dia de ontem. ah, a brasilidade. neguinho querendo furar fila. querendo ser esperto. a cultura do ser mais esperto. isso me enche os pacovás. neguinho levantando quando o avião pára e ficando lá em pé por horas até que as portas se abram só... pra que mesmo? só pra se amontoar na esteira de maneira que ninguém mais consiga se aproximar dela porque quer pegar sua mala primeiro. ai eu fico louca. o caminho de guarulhos até em casa, a feiúra e desconjuntamento da cidade horrenda e a dorzinha bem aqui me dizendo que ainda pode piorar. a hostilidade. o atraso. os caminhões com os lixos todos misturados e gente não entendendo nada de arte. eu broxando. então chegar em casa e ser recebida pelos meus amores, catarina, hunny e polly, um cartazinho na porta, cheiro de mijo de gato e os gatos e meu cacto morto e a porra da empregada não veio nenhuma vez então a casa estava o caos e lá fui eu limpar merda de gato. oi, casa. o sofá vermelho

de couro português todo escangalhado, as espumas saltando para fora como tripas de uma presa abatida. olá, lar. desfaço as malas desgostosa. em duas horas o telefone começa a tocar. nem devia ter trocado o SIM. aqui ainda falam em blog. juro, não dá pra acreditar. olha, escritor escreve. um dia ainda vão entender. o resto é pacotinho. (<http://adioslounge.blogspot.com.br/>)

A música fala: “Você não vai me mostrar um pouco de vergonha?”, parte da indignação de Clara, depois de ficar sem Hunny em seu lançamento do livro. Ela já estava em Londres à espera, reclama os problemas da imigração, de deixarem-na passar sem grandes problemas e não deixar passar uma banda inteira, no caso a banda de seu amado. Clara revela amar como Amy à Blake e diz não ser a mesma sem ele. Hunny é um de tantos amores momentâneos de Clara. não caberia descrever seu romance. Abaixo a expressão “morram todos” unida a fúria da autora anunciam um desapego em relação à humanidade.

Wednesday, October 15, 2008
Ninguem entende nada

won't you show me a little shame?, diz a musica. no, no, no, diz a outra. so' a pior bosta que podia acontecer aconteceu. eu aqui e ele la', preso na bosta da imigracao. BANDO DE PAU NO CU. come' que barram uma banda, uma banda inteira convidada pra tocar na caralha do lancamento? come' que nao entendem que nao e' trabalho? bando de PAU NO CU da imigracao que me deixaram passar como se nada fosse acontecer, eu que poderia ficar aqui pra sempre, eu que nao tenho vinculos - ninguem nunca me perguntou se eu tinha filho ou trabalho, so' me deixaram passar sorrindo e nem acentuar eu consigo nesta bosta agora. nao e' o lugar que esta errado, peço mil desculpas ao lugar. o que esta' errado e' o mundo inteiro. ninguem entende nada de nada. morram todos. todos que odeiam o que nao conseguem ser ou nao aprovam porque trabalham na imigracao ou na firrrma na angelica e me viam chegando bebida na casa do hunny, quando hunny tinha casa que nao era a nossa. estou no melhor lugar do mundo mas sem ele nao faz sentido. da' pra compreender? entendo amy ficando louca longe do blake dela. i've got my own private blake. as pessoas tem relacoes doentias e e' assim que e' e ninguem tem NADA com isso. so' queria meu hunny comigo aqui. mas nao aconteceu. e eu vou ter que lidar com todo o lancamento de livro e sociabilidade que eu nao sei fazer sem ele. e', antes eu ate' conseguia. agora, sabendo que existe alguem que me cura, nao consigo fazer nada que realmente importe sem ele. OBECEQUEI.nao me corrijam, e' uma piada interna. morram todos que nao sabem das coisas que precisam ser entendidas. morro eu aqui descobrindo que tem gente como eu que nao entende nada so' porque escolheu. bebi vinho demais, gastei libras demais e o coracao doi, doi mesmo, fisicamente, tipo dor no peito. coisa que nao se cura sem aquela pessoa que pertence. que bosta de mundo. (<http://adioslounge.blogspot.com.br/>)

Clara revela uma fúria juvenil sobre as ‘injustiças’ que ocorrem ao seu redor, especialmente as que impedem o gozo imediato. Trata-se de uma espécie de tirania da satisfação, onde o princípio da realidade é rechaçado pela escrita, que se torna máquina de enfrentar o mundo. Ao catalogar sua insatisfação com os poderes estabelecidos, Clara não poupa expressões de baixo calão e totaliza seu desprezo pelo mundo e pelas pessoas. A

diatribe é uma espécie de confissão enfurecida que parece não se importar com a possibilidade de haver punição. Pelo contrário, se constrói como alguém que não só julga (sem aparentemente se preocupar se é julgada), mas como reclama para si a linguagem, que sofre um desvio (“OBCEQUEI”) ao qual não é dado justificativa (“não me corrijam”).

Ao descrever seu dia como num diário, o mais interessante é que no final Clara situa o leitor com ironia falando que “isso não, aquilo”, que não o que ela estava escrevendo fosse dar muito caldo, mas o que ela tinha vivido. E demonstra uma tentativa de recusa com a expressão “hoje não”. Sua recusa produz uma certa ambiguidade, algo parecido com uma provocação sexual dirigida ao leitor: há a promessa de que existe algo a ser revelado, um dado pessoal que pudesse satisfazer a curiosidade dos que se interessam pelos seus relatos, mas que é negado, ou, talvez, postergado para futura revelação.

Sunday, October 12, 2008

a short tale from ravesdale

cheguei em londres, me perdi no bairro judeu ortodoxo onde nem uma mijadinha eu podia dar porque não estava de peruca nem de saia abaixo do joelho, fiz bolhas nas mãos de tanto andar, encontrei os amigos, me embebedei um pouquinho, conheci gente legal e vou dormir o sono dos bêbados e dos justos, pensando que tudo isso ainda vai dar muito caldo.

não, não isso, aquilo.

pois é.

hoje não.

(<http://adioslounge.blogspot.com.br/>)

Descrevendo não apenas a vida dela. Clara também conta histórias que envolvem seus amores e a filha Catarina, expondo as pessoas que convivem com ela.

Monday, October 06, 2008

mimbora desse país.

o desgosto toma conta de mim. não adianta falar nada que todo mundo entende errado. não adianta tentar explicar porque desgasta e piora a incompreensão.

imbora dessa merda. nós três.

(<http://adioslounge.blogspot.com.br/>)

Ela usa o blog como mecanismo de defesa. No trecho abaixo, fala sobre uma entrevista que foi editada e publicada de forma a destorcer o que foi dito por ela. Mudando o

contexto automaticamente mudaram o sentido das respostas, o que acabou se tornando assunto do blog.

Thursday, September 25, 2008
mudando perguntas

eu poderia escrever uma dissertação sobre a distorção que os jornalistas fazem de tudo que você fala (às vezes mesmo sem querer), mas acho que é mais ilustrativo simplesmente publicar uma entrevista que eu dei ontem e que foi publicada hoje no portal terra. acho que é bem esclarecedor.
(<http://adioslounge.blogspot.com.br/>)

Ela utiliza o blog para fazer a propaganda do seu lançamento e fica claro que ela tem um destinatário e brinca com a frase “se você não for meu amigo, desconsidere esta mensagem. ou não”. Não há como deixar escapar o uso da expressão “oi, gente bonita” no início do post. Uma linguagem que podemos facilmente associar a uma tentativa de sedução dos leitores, aqui tratados como potenciais consumidores de seus livros. É uma espécie de sorriso falso linguístico, aquele de vendedores experientes que sabem que precisam afirmar a auto-estima do comprador. Clara dá atenção aos detalhes e busca fazer de seu livro algo único, com mimos como discos de brinde. Enquanto os blogs são rapidamente modificados e revisados, os livros de Clara são produzidos de forma mais cuidadosa e preocupada. Nos blogs sua escrita sem pontuação e desatenta a detalhes de espaçamento e organização estética do texto, nada se parece aos livros.

Thursday, September 25, 2008
oi, gente bonita.

não consegui mandar um email decente convidando todo mundo para o lançamento do que foi o livro mais complicado da minha vida. nunca nada demorou tanto. mas ficou incrível. primeiro eu e a eva viramos noites e noites pra fazer o livro. tudo à mão, nada de computador. teve até um momento que um vidro de nanquim virou em cima de alguns originais. teve a eva implicando com umas ilustrações e decidindo fazer outras melhores. teve eu batendo à máquina e errando na última linha e chorando. isso porque nem vou entrar no mérito de escrever os textos de fato. estamos falando apenas de passar a sujo. aí depois eu e o reginaldo chafurdamos nos melhores sebos de são paulo tentando encontrar discos que combinassem com o livro. tem dylan, ella, billie. tem chopin, verdi e mahler. tem mariachis, música grega e casamentos judaicos. tem o som do inferno verde, música ligeira dos países baixos e muito ray charles. tem a trilha de betty blue, da cor púrpura, de uma cilada para roger rabbit, de bagdad cafe. nunca pensei que conseguir 200 discos fosse tão difícil. deus, foi. sujamos os dedos nos sebos até hoje. hoje mesmo, dia 10, um dia antes do lançamento. 50 livros já foram vendidos. repetindo, são apenas 200. sem reedição, com exemplares numerados e assinados. livro de artista, como define a pinky wainer, a bispa herself. e amanhã vai ser o dia de botar isso tudo para fora. não publico um livro desde 2004. não queria ser uma dessas autoras que publica em linha de produção. por isso assim, discos escolhidos a dedo e tudo feito com muito sangue e coração. nada de digital. eu quero que o mundo volte a ser analógico. adoraria estar

enviando esta correspondência em uma carta lacrada com aqueles selos de cêra. mas aí teria o problema de não poder selecionar todos os endereços que já usei no gmail para facilitar a vida.
(se você não for meu amigo, desconsidere esta mensagem. ou não.)

então, amiguinhos, compareçam no dia de amanhã. eu e a eva estaremos lá praticando a arte de fazer a social. aproveitem - é raro.

um abracinho,
c.
(<http://adioslounge.blogspot.com.br/>)

Explica durante grande parte do blog que não tem nada de sua vida no filme dirigido por Murilo Salles baseado em seus livros.

Thursday, September 25, 2008

o filme foi feito com baixo orçamento e a divulgação foi toda feita pela internet. nisso eu tentei ajudar, apesar de não mexer no blog. como eu disse, gosto do filme enquanto obra à parte da minha. concordando ou não com a adaptação, há um fato: o filme foi baseado em obras minhas - ainda que o produto final tenha pouco a ver - e todo mundo ia ficar relacionando a mim e aos meus escritos, naquela confusão que adoram fazer com autor e personagem. me mantive presente porque queria deixar claro que o filme não era "o meu" filme, tampouco a história da minha vida ou de como eu comecei a escrever, que aqueles textos que aparecem na tela não são meus e que os livros eram diferentes do filme. eu não tive atritos com o murilo porque ficou sempre muito claro que ele faria algo distante dos livros, portanto ele deveria estar pronto para que eu expusesse minha opinião sobre a obra dele.
(<http://adioslounge.blogspot.com.br/>)

Aqui Clara convida para a sua oficina literária. Seu blog também é utilizado para discussão do que a autora está fazendo, divulgação de seus cursos e lançamentos de livros. Quando a autora fala sobre a sua oficina, em alguns momentos parece estar se auto-depreciando com comentários irônicos. Colocando em prova seu talento e conhecimento. No trecho abaixo a autora diz: “nunca pensei que fosse ensinar alguém a fazer algo. pois é. eu vou tentar passar um pouco dessa minha imensa sabedoria”. E logo depois dispara que devia ensinar interpretação de texto, para não dizerem que iria dar um curso de criação literária de MSN ou fórum, tudo isso porque sabemos que Clara é escritora de blogs e que por isso se sintia assim, rotulada como escritora de MSN e fórum.

Friday, September 19, 2008
oficina de criação literária



OFICINA DE CRIAÇÃO LITERÁRIA
com Clarah Averbuck

23 de setembro a 14 de outubro
 terças, das 14 às 16h

Além de livros e jornais, atualmente, a escrita está presente em diversas atividades do dia-a-dia: desde a troca de e-mails até fóruns e conversas instantâneas pela internet. Com isso, a escrita possui espaço cada vez maior de divulgação e de uso, criando uma nova linguagem, caracterizada sobretudo pela subjetividade. Pensando nessas novas oportunidades de desenvolvimento da escrita, o curso aborda os mecanismos de uma escrita pessoal e autoral.

Clarah Averbuck começou sua trajetória literária publicando textos em seu blog, é autora de *Máquina de Pinball* (Conrad, 2002), *Das Coisas Esquecidas Atrás da Estante* (7Letras, 2003), *Vida de Gato* (Planeta, 2004). Recentemente, seus livros e textos foram livremente adaptados para o cinema, no filme ganhador do Festival de Gramado *Nome Próprio* (2008), do diretor Murilo Salles. Em outubro, lança sua primeira tradução na Inglaterra, *Cat Life*, pelo selo Future Fiction, um braço da Creation Books.

MAIS INFORMAÇÕES >>

nunca pensei que fosse ensinar alguém a fazer alguma coisa, pois é, eu vou tentar passar um pouco dessa minha imensa sabedoria a quem se matricular na oficina. tudo que eu aprendi a ensinar foi com o assis brasil. o resto eu aprendi lendo, conversando em mesa de bar e escutando bastante.

devia começar com interpretação de texto para recebedores de release, tentando evitar que digam por aí que vou dar um curso de criação literária de msn e fórum, rarara. (<http://adioslounge.blogspot.com.br/>)

Os livros de Clara Averbuck, os blogs, reportagens, entrevistas e o filme *Nome Próprio*. Contêm uma inconformidade e energia que nos parece advindo de alguém com muita força de vontade e ambição. Mas segundo Averbuck, ela não é ambiciosa, não planejou nada, nem tinha grandes pretensões, gostava de escrever e as coisas simplesmente aconteceram. Nos escritos da autora temos a presença constante da espontaneidade, podemos ver que expressões coloquiais, palavras sem acentuação e a ausência de letras maiúsculas no texto, tudo isso nos revela o estilo de escrita de Clara.

Wednesday, September 03, 2008
 Opss

na mesma edição dominical da folha saiu uma foto e umas aspas minhas numa matéria sobre mulheres que o povo da revista da folha achou que representavam alguma faceta da madonna. oquei. eu nunca me identifiquei com a madonna e nunca tive nenhum disco dela. nunca me incomodou também, achava até legal as polêmicas que ela criava porque alguém precisa quebrar os tabus e acabar com a putaria - ou começar, no caso. achei que seria um perfil interessante, entendi que era uma matéria

sobre a madonna mas deixei claro que sempre fui mais do róque e dos negão, mas nada disso saiu. eu saí como a fase material girl da madonna. como se tivesse vindo para são paulo vencer na vida. pra falar a verdade eu nem sei qual é a fase material girl da madonna, mas esse título não me apetece nem um pouco. só sei que esse lado ambicioso de saber o que quer e conseguir a todo custo nunca teve nada a ver comigo. eu vim para são paulo porque queria trabalhar e porque achei que era hora de mudar. cheguei aqui e comecei a escrever meu primeiro livro, não foi algo planejado. três dias depois que cheguei comecei a escrever o máquina de pinball. talvez eu soubesse lá no fundo que precisava dessa mudança de ares para começar um romance. mas francamente, aos vinte e dois anos eu não sabia muito, apesar de ter certeza que sabia de tudo. as coisas foram acontecendo espontaneamente. não foi "por acaso" porque eu sabia que queria escrever na vida, não escorreguei numa casca de banana e escrevi um livro, mas foi espontâneo. aconteceu. fui escrevendo meu livro, depois fiz meu blog e yadayada. continua sendo assim. eu saio do cinema porque quero tomar um conhaque e quando vejo saiu uma nota na coluna social. que merda. e tem gente que paga pra isso, né? minha editora disse que o andy warhol dizia que não importa o conteúdo, só o tamanho da foto e da matéria. ai, andy, não sei. acho que só ex-big brother pra se sentir confortável nessa situação. também não quero sair fugindo para o alasca quando vêm me abordar, mas confesso que acho muito esquisito isso tudo. e chato. tanta gente querendo aparecer. tanta mulher-fruta requebrando por aí. deixa eu tomar meu conhaque, moça.

(<http://adioslounge.blogspot.com.br/>)

Quando Clara fala sobre confessionário diz não gostar do termo que acredita ser usado apenas para literatura feminina, que os homens podem escrever um livro autobiográfico que o termo não será destinado a eles da mesma forma. Nós não concordamos, pois existe no estilo confessional de seus posts uma forma de subjetividade contemporânea a se revelar.

Saturday, august 09, 2008

Blablalabla de novo

porto alegre, fumacinha saindo da boca, silêncio em um quarto que nunca foi meu e uma irritação na garganta que nada tem a ver com o frio. estou aqui porque domingo estarei na abertura do festival de cinema de gramado. ééé. o filme, aquele que não é meu. sobre o filme, vou dizer só mais isso, então:

1. aquela moça do filme não é alterego algum meu. alterego meu chama camila chirivino e está nos meus livros.
2. os textos que aparecem escritos na tela não são de minha autoria. gostaria que isso ficasse muito claro a todos. há quem ache isso irrelevante, menor do que o filme. certo. eu não acho. os textos que aparecem escritos na tela do cinema não são de minha autoria.
3. esse papo de texto confessional diminui qualquer literatura. eu nunca vi nenhum texto de homem ser chamado de confessional, mesmo que seja descaradamente autobiográfico. é um termo usado exclusivamente para textos escritos por mulheres. que coisa, né? então acho que rejeito esse negózdí confessional. quem confessa pra mim ou é aquele que vai cochichar seus pecados ao padre na gradezinha lá do confessionário, ou o sujeito que confessa um crime. textos não confessam nada. alrite?
4. tá tudo errado, porra. como já disse peréio. a preguiça tomou conta do mundo. e agora parece que os blogs inventaram a literatura que empresta vida. não é ridículo? é completamente ridículo. blog não deveria nem ser mais pauta. porque blog não existe sem conteúdo. o conteúdo sim, é pauta. o papo já ficou velho, amigos. mudem de assunto.

5. encontrei o marião lá na merça e ele me entendeu. ficam aí achando que tudo que falamos é pra criar polêmica, que é ego, que é isso e aquilo. ninguém é capaz de entender um autor tentando defender a sua obra. é tão simples.
 6. vou ler carmen da silva que é muito melhor do que isso tudo de ficar tentando explicar qualquer coisa a quem já tem o texto pronto e só busca argumentos para respaldo.
 7. domingo. gramado. parece que vai ser legal. parece.
 8. abracinho,
 9. c.
- (<http://adioslounge.blogspot.com.br/>)

Novamente reclama da pressão sofrida por conta dos fãs. Essa relação se dá pelo fato de os fãs se sentirem parte da vida da autora. A escrita para Clara tem que ser espontânea para que seja prazerosa e para que faça sentido.

quando começam a me fazer questionar demais o ato de escrever,
eu perco o tesão.
é como questionar qualquer tipo de tesão, o simples fato de buscar uma explicação já tira o sentido da coisa toda.

isso aqui tudo está ficando, além de obsoleto, um tanto desinteressante, sexo morno de casal que se olha mais. e como eu não sou funcionária pública de persona alguma, acho que vou ali dar uma respiradinha.

pronto, conseguiram.
me broxaram de tanto expremer.

um dia no rio, uns dias no sétimo céu, vamos ver se a vontade volta.
ela volta, eu sei.
é só eu parar de atender o telefone.
(<http://adioslounge.blogspot.com.br/>)

Aqui a blogueira brinca com a ideia de diário na internet, mas discorda de seu blog ser chamado de diário.

domingo, setembro 30, 2001

"Meu querido... Diário? Manemfodendo. "

"Mas peraí, peraí, não é um diário nhénhénhén online. Deixem-me explicar"

-- C.A., 22, mulherzinha e mentirosa compulsiva

Descoberta da manhã de ontem: eu sou trash. Traaaaaash. Argh. Tudo errado. Ok, tudo não. Mas o desfecho foi vergonhoso. Às vezes eu tenho umas idéias MUITO ruins.

Eu preciso parar de beber. Ou tomar pílulas controladoras de libido, rápido.
(<http://brazileirapreta.blogspot.com.br/>)

Quando a autora brinca que “não vai saber mesmo assim”, na última linha da citação abaixo. Ela deixa uma pista de como se sente, pensando que se alguns dos leitores

odiarem o que escreve, ela nunca saberá. Não tem um receptor bem formulado em sua mente, não sabe ao certo o gosto de quem irá ler o seu blog, sua faixa etária, seus gostos musicais, seu hobby, o que costuma ler, onde costuma ir, o que é habituado a conversar. Pode haver pessoas que adorem os escritos como são, pessoas que odeiem e se estás pessoas não se manifestarem tudo isso não poderá ser percebido pela autora, já que são tantas opiniões em torno de seu trabalho. Precisa-se do retorno para entender um pouco do que agrada e do que desagrada o leitor, mas ainda não seria a solução, já que sempre terá algo a desagradar alguém.

terça-feira, setembro 25, 2001

Daí eu tinha enfiado na minha cabeça loira -- porque agora eu sou loira, sabe -- que ia porque ia pra Maldita, festa que rola no Rio de Janeiro e onde todos os meus amigos queridos estariam, desde a semana passada. Mas claro que os Putos decidiram me pedir uma matéria pra hoje e eu tive que ficar fazendo. Os Putos andam exagerando, cara. Eles ficam pedindo coisas e não pagam, assim não dá. Eu tenho cara de estagiária, por acaso? Não responda. Ok, responda, eu não vou saber mesmo.
(<http://brazileirapreta.blogspot.com.br/>)

Também podem os blogueiros caírem sem querer na armadilha da fama e passar a escrever apenas o que agrada ao leitor.

quarta-feira, setembro 26, 2001

Lição do dia: se você não fala o que as pessoas querem, elas ficam bravas.

Então tá.

Don't ask.

(<http://brazileirapreta.blogspot.com.br/>)

Nos momentos em que a autora se sente irritada com alguma coisa ou indignada costuma escrever em CAPSLOCK. Por isso a brincadeira com o leitor. Aqui podemos recordar quando no começo do trabalho falamos da diferença de diário e blog. A diferença aqui está nas ferramentas que podem ser usadas pelo autor no blog para conseguir letras de outras fontes e tamanhos, enquanto na escrita o desenho é feito pela mão do escritor que pode ou não dominar a técnica de escrever diferentes formatos e tamanhos de letras.

segunda-feira, setembro 24, 2001

nota oficial

A direção deste weblog gostaria de pedir desculpas pelos posts em capslock desta manhã. Estamos trabalhando para descobrir o que houve. Desconfiamos que tenha relação com falta de sono, dinheiro, carinho, Anne, sexo, dexedrina, Porto Alegre,

mãe, pai, guitarra e de outros artefatos, substâncias e atividades vitais para o funcionamento deste corpinho.

Os posts não serão retirados para autoreferência histórica. Agradecemos a compreensão.

Equipe brasileira!preta©2001
(<http://brazileirapreta.blogspot.com.br/>)

Clara comenta seu novo emprego, assim como comenta tudo o que ocorre na sua vida, de inusitado a comum, e normalmente brinca com os leitores. Mesmo que ela diga que prefere que não a incomodem; que logo que fica irritada com os comentários dos fãs fecha o blog e cria outro anônimo, mesmo assim ela sente que é famosa e que as pessoas estão ali, por isso direciona suas falas.

quarta-feira, outubro 24, 2001

É, agora sou uma pessoa que trabalha. Sou o Rob Flemming das garotas. Mentira, eu sou apenas uma balconista da Bizarre Records, na galeria do lado da do róque. Visitas serão aceitas.

O que eu faço? Basicamente ouço música o dia inteiro e fico na internet. Pelo menos foi assim hoje, meu primeiro dia. Oh yeah. Mas eu sou uma vendedora talentosa. Errr, eu acho.
(<http://brazileirapreta.blogspot.com.br/>)

Quando falamos que Clara recebia retorno de seus escritos, tanto elogios quando críticas, estamos nos referindo não aos comentários que atualmente podem ser enviados pelo próprio blog, mas sim aos e-mails, meio de comunicação utilizado por ela na época.

quinta-feira, novembro 29, 2001

Olha, eu juro que leio todos os emails que chegam. Mas eu não consigo responder. Calma, gente. Não precisam mandar os emails de novo nem nada. Senão eu nunca mais vou conseguir responder tudo mesmo. Sério. Eu respondo, MAS CALMA, OK?
(<http://brazileirapreta.blogspot.com.br/>)

Não temos nos escritos de Clara em seu blog apenas o cotidiano, a atualidade, mas também o passado e o que envolva a vida da autora. As pessoas de sua família, como foi sua infância, amigos, entre outros. E tudo o que envolve ser Clara Averbuck, a autora com personalidade forte consegue transferir seus gostos, ideias e opiniões com destreza para seus blogs.

terça-feira, novembro 27, 2001

A roupa mais feia da minha vida

A roupa mais feia que já usei em toda a minha vida, de longe, foi no aniversário de 15 anos das filhas gêmeas da minha professora de ballet, lá por 1429. Pois é, eu fiz oito anos de ballet porque tinha as pernas absurdamente tortas e era a única maneira de desentortá-las. Eu odiava. Odiava os tutus, odiava o dono da academia que era um argentino louco chamado Alexander e que batia nas alunas com um cabo de vassoura. Mas voltando à roupa: uma camisa branca do meu pai, devidamente amarrada na cintura, uma calça rasgada e dobrada até o meio da canela, meia arrastão por baixo e um... tênis kick. Lembra daquilo? Aqueles tênis horrorosos de cano alto que só não são mais anos 80 do que a maquiagem da Siouxi? Pois é. O meu era preto e cinza com caveirinhas verdes desenhadas. Eu não tinha noção do que era aquela festa, sou filha de hippie, de astista, sempre inventei minhas roupas e meus pais achavam legal. Daí eu cheguei naquela festa e só tinha gente com roupa alugada. Não lembro de muita coisa além da cara da filha vaca (como eu disse, eram gêmeas: uma era legal e a outra era uma vaca ruiva), puta porque eu estava chamando mais atenção do que o vestido de chantilly dela, e de uns parentes cochichando e apontando. Em tempo: eu tinha uns onze anos. Ah, acabo de lembrar também que eu talvez tenha ido de skate. É provável que sim. Oh, rapaz. Deve ter sido legal. (<http://brazileirapreta.blogspot.com.br/>)

A moral da sociedade incomoda Clara que reage com reprovação em seu blog. Dizendo inclusive que acredita que as crenças morais dos pais passam para os filhos perpetuando “pensamentinhos”. Fazendo com que os filhos sofram pelo mesmo aprisionamento que os pais.

01 de Julho de 2013

peçoinhas

como é difícil saber de gente hipócrita de moral podre achando que todos os outros devem seguir essa mesma moral, uma moralzinha de merda, umas cabecinhas de alfinete, uma coisa tão deprimente que não dá nem pra sentir raiva. pena é o que sinto, uma pena enorme misturada com uma azia de saber que essas pessoas estão aí criando filhos e perpetuando esses pensamentinhos, criando gente pra viver em uma prisão moral, a mesma prisão em que viveram a vida inteira temendo sei lá o que. temendo o dedo na cara da sociedade? temendo um deus? temendo o que? do que vocês têm medo, peçoinhas, por que vivem assim se incomodando tanto com a vida alheia, com o útero alheio, com a buceta alheia, com o cu alheio, com o tamanho da bunda ou da barriga alheia, com o casamento alheio, com a vida alheia inteira? imagino que tristes essas vidas de quem se diverte tão pouco que precisa tentar acuar os outros, essas vidas de quem vive tão sufocado que odeia quem respira fundo, ó peçoinhas, parem e olhem para suas vidinhas, o que é que vocês acham que ganham sendo assim? isso lhes faz mal, peçoinhas, querer domar a vida alheia, isso nunca vai dar certo, isso já era, isso já foi e não será mais. vocês não mandam em mim, vocês não mandam em ninguém, vocês não vão mais cagar regra na vida dos outros. não vão. já chega disso. vocês não vão ganhar, não vão ganhar, não vão ganhar essa e mais nenhuma. o mundo não pertence a quem anda pra trás. (<http://claraaverbuck.com.br/>)

Clara Averbuck não se preocupa só em descrever sua vida e de pessoas ao seu redor. Ela também fala de assuntos relevantes à sociedade como é o caso do Estatuto do Nascituro.

Quando falamos de interação do escritor com o leitor, temos que tomar o cuidado de dizer que antes não havia sites tão modernos e que essas conversas normalmente ocorriam via e-mail. Vale ressaltar também que hoje pode-se bloquear esse leitor de dar sua opinião, apenas configurando o blog de acordo com as necessidades do escritor. Clara diz abaixo não querer interação em seu blog, pois prefere que seus leitores escrevam na Fan Page em seu Facebook (rede social), é uma escolha dela, o porquê não saberemos. Agora vimos a confusão que são as falas de Clara Averbuck, que primeiro diz não estar feliz com os comentários e cobranças dos fãs, depois os convida a visitar sua Fan Page, que para ela é um espaço para interagir com eles.

04 de Fevereiro de 2013
Oi, ufa

Quatro longos meses depois: ESTAMOS DE VOLTA. Estamos não, né? Estou. Agora temos blog, temos livros e ainda falta o loxinha, os links, enfim, algumas coisas, mas I'M BACK, MUTHAFUCKERS.
Não sei se vocês têm acompanhado a fan page, mas ó, deviam. Aqui não tem comentários - desde a primeira vez que abri um blog, lá em 2001, decidi jamais ter comentários. É claro que eu poderia ter mudado de ideia, mas não aconteceu, então, quem quiser interação, curte lá! (<http://claraaverbuck.com.br/>)

Clara escreve alguns trechos que dá a entender que é pura autoajuda, mas de longe é tão ela que mesmo que ela negue nas revistas, nos jornais e diga em seu blog, que seus escritos não são a Clara Averbuck da vida real, mesmo assim, nem eu, nem seus leitores iríamos acreditar. No trecho abaixo, Clara fala sobre “se curtir”, mostrando o quanto é importante que as pessoas se gostem antes mesmo de gostar de outra pessoa. Pois o amor tem que ser recíproco e para ela quem não se ama, não pode dar amor ao outro, nem esperar que o outro ame por dois. Sabe-se isso lendo revistas, vendo o filme baseado em seus livros, lendo seus livros e blog e vendo vídeos no You Tube, que a vida amorosa de Clara sempre foi um tanto quanto conturbada. Ao ler esse texto podemos ver que a confissão da autora, mas que em muitos momentos vai falar que não é ela. E informações que encaixam inclusive com depoimentos dela e partes da vida íntima. Não há como fugir de que o blog é confessional sim, e mesmo que o autor diga que escreve longe da intenção de contar sua vida, de alguma forma algo dele existe no texto e conta os seus segredos.

Outubro de 2012
Se curtindo

Eu moro sozinha. E eu gosto MUITO de morar sozinha.
Hoje é quarta e eu estou aqui na minha sala ouvindo meus discos, bebendo umas cervejas especiais e curtindo os meus gatos, com meu néon ligado, vestido novo, batom vermelho e vontade de escrever.

Acho que a solidão, aquela que machuca, só vem quando a gente não está curtindo nossa própria companhia.

Já senti aquela solidão. E era bem quando eu não sabia me suportar. Agora as coisas são diferentes; agora eu me gosto.

Mas já me odiei. Não era algo assim consciente grrr me odeio, mas já entrei em processos de autodestruição bem agudos. Ou graves. Enfim, extremos. Eu, meus amigos, já estive muito louca nessa vida. Não muito louca de droga, sabe, muito louca de falta de sanidade mesmo. E eu me odiava. Me odiava e falhava miseravelmente ao tentar amar outras pessoas. [...] Percebo agora, a anos-luz de toda aquela tormenta, mas no meio da tormenta a gente não percebe nada.

Passou a tormenta, passou essa coisa da autodestruição - ou ao menos isso está sob controle agora -, passou o tempo e eu mudei muitas coisas. [...] andei cortando uma galera nos últimos anos porque não consigo ficar perto nem de gente estagnada, nem de gente que anda de ré.

E é isso: só um postzinho de autocurtição.

Ósculos&Amplexos

c. (<http://claraaverbuck.com.br/>)

Abaixo, temos Clara desnudando-se, contando o quanto tem mudado e o quanto a vida lhe fez sentir coisas ruins, por ela e pelos outros. Gerando assim um conflito entre o que ela disse, sobre o filme de Murilo Salles, que Camila não era ela, era uma personagem e agora fala sobre Camila e diz “Isso era eu em 2001”. Como assim a personagem agora é Clara? Clara então é a personagem Camila? O livro Máquina de Pinball é autobiográfico?

Eu sinto muito, mas eu não sinto nada

Tenho que discordar do Leminski naquele Nenhuma dor pelo dano/ todo dano é bendito/ Do ano mais maligno/ Nasce o dia mais bonito.

Tive uns anos do cão. Só a gente sabe dos danos que essa vida nos causa. E eu, olha, eu fiquei totalmente danificada. Algumas pessoas deixam um rastro tão nefasto na vida de outras que não consigo ver de outra forma senão essa: um dano. Um rasgo. Um aleijão. E não, não passa. Nada passa. Tudo que nos acontece fica marcado de uma forma ou de outra em algum lugar. A gente pode até achar que passa, pode achar isso nos momentos bons, mas aquilo fica lá, entranhado em você. Trauma pode se manifestar em forma de raiva, de desprezo, pode virar uma repetição de padrão destrutiva, pode te deixar pra sempre com medo, pode te fazer ficar por demais destemido. O que consigo ver que aconteceu comigo é o seguinte: eu sequei. Me sinto toda esfarelada. Danificada. Rachada como um terreno arenoso onde é necessário um instinto filho da puta pra poder sobreviver. Até nasce uma coisinha ou outra ali, mas qualquer coisa mais delicada murcha e morre rapidinho. É assim que eu ando me sentindo. Calcificada por dentro.

Quando eu tinha 22 anos, me apaixonei afú pela primeira vez. Foi meu primeiro dano. Outros vieram depois, eles sempre vêm. Mas o primeiro é o primeiro. Ele dizia que não tinha coragem pra se apaixonar, ele dizia que amor não, que amor ele passava. Sabe o que eu disse pra ele?

Coragem pra se apaixonar? Se quiser, posso te ensinar a sentir dor. Eu sei sentir dor e sobreviver a ela de uma maneira que nem eu acredito. Eu nunca vou cansar disso, nunca vou precisar de coragem pra me apaixonar porque preciso de paixão pra escrever. Se for pra escrever sem paixão, então eu vou ali no jornal escrever sobre turfe e ganhar dinheiro, e não ficar fodida como estou só pra poder passar o dia inteiro escrevendo, sem sair de casa, sem sentir o vento na cara, só escrevendo escrevendo escrevendo como uma filha da puta. Porque é isso que eu faço. Eu escrevo o dia inteiro, eu acordo e vou escrever, eu acordo pensando nisso e durmo pensando nisso. Mas se não tivesse paixão, não ia adiantar porra nenhuma.

Já disse uma vez e vou dizer mais um bilhão de vezes: eu quero você. Vou dizer até você aparecer na minha casa esmurrando a porta, porque a campainha não funciona, vou dizer até te ver deitado e suado na minha cama, vou dizer até poder te engolir, até sentir a tua porra na minha boca, até sentir o teu peso em cima de mim. Vou dizer até te convencer de que a solidão é muito, muito mais dolorosa do que qualquer paixão. O nada é a pior coisa que pode acontecer. O nada é seco, é uma árvore esturricada na beira da estrada, é uma plantinha sozinha no meio do deserto, uma plantinha que sabe que vai morrer ali, seca e sozinha.

Então vem. Porque eu sou a sua Camila e você não pode me deixar deitada na praia, senão vai passar o resto da sua vida se arrependendo. Então vem. Porque você me ganhou e eu quero que você minta pra mim, na minha cara, olhando nos meus olhos enquanto me come. Vem. Eu sou sua.

Isso era eu em 2001. Uau, ein? Que força, que furacão. Eu era, eu era. Once a fire. Sinto que não sei mais sentir, não sei mais me deixar sentir, não sei mais me entregar. EU NÃO SEI MAIS ME ENTREGAR. Nem por duas horas. Nem por meia hora. Fingir eu nunca soube mesmo, e nem quero aprender. Nunca pensei que passaria por isso. Eu achava que seria pra sempre a impetuosa jovem das linhas acima, que quebrava a cara repetidamente e levantava e levantava e cuspiam sangue e dizia bring it on, you mfcks. Não quebro mais a cara porque não caio, e se cair, não tem sangue pra jorrar, não tem coração pra bater, não tem porra nenhuma há anos. Eu até tentei mentir que tinha e só consegui sentir ódio. Ódio de mim, ódio daquilo tudo onde eu tinha me metido nem sei como e uma frustração inenarrável. Acho que sequer posso dizer que aquela era eu. Era um pedaço, um fragmento pequeno e incompleto de mim que jamais vingaria. Bom, eu tentei.

Eu sinto muito, mas eu não sinto nada.

(...) (<http://claraaverbuck.com.br/>)

Contra as historinhas privadas, se lançar em uma história de todos e de ninguém. Deleuze: "Um escritor escreve "para uso dos leitores". Mas o escritor também escreve pelos não-leitores, ou seja, "no lugar de" e não "para uso de". Escreve-se pois "para uso de" e "no lugar de". Artaud escreveu páginas que todo mundo conhece. "Escrevo pelos analfabetos, pelos idiotas". Faulkner escreve pelos idiotas. Ou seja, não para os idiotas, os analfabetos, para que os idiotas, os analfabetos o leiam, mas no lugar dos analfabetos, dos idiotas. "Escrevo no lugar dos selvagens, escrevo no lugar dos bichos". O que isso quer dizer? Por que se diz uma coisa dessas? "Escrevo no lugar dos analfabetos, dos idiotas, dos bichos". É isso que se faz, literalmente, quando se escreve. Quando se escreve, não se trata de história privada. São realmente uns imbecis. É a abominação, a mediocridade literária de todos as épocas, mas, em particular, atualmente, que faz com que se acredite que para fazer um romance, basta uma historinha privada, sua historinha privada, sua avó que morreu de câncer, sua história de amor, e então se faz um romance. É uma vergonha dizer coisas desse tipo. Escrever não é assunto privado de alguém. É se lançar, realmente, em uma história universal e seja o romance ou a filosofia, e o que isso quer dizer." (DELEUZE, 1988/1996)

Pensar em como a escrita de Clara pode ser uma escrita para todo mundo e uma escrita no lugar de todo mundo, ou se o mundo da Clara é tão pequeno que ali só cabe ela.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutimos nesse trabalho a fusão entre o diário íntimo e o confessionário, fusão da qual resultará o blog. Falamos desde a escrita do diário pela burguesia até a confissão na Igreja Católica, buscando situar o leitor e trazendo-o para mais próximo da ideia de fusão entre os dois conceitos.

Enquanto no diário íntimo a intimidade precisava ser preservada, no confessionário acontece o contrário, o fiel é induzido a falar seus pecados, com o propósito de salvar sua alma. Para Paula Sibilia os diários íntimos se tornaram os velozes blogs da atualidade. Tornando se também dispositivos que confundem a barreira entre o público e o privado. Há também a discussão sobre para que o blogueiro escreve feita por Beatrice Didier (1976) e Sérgio Barcellos (2007). Para Didier o termo “íntimo” não caiba quando falamos de diário, pois temos muitos diários que são publicados pelos seus autores deixando a intimidade vir a público. Já para Barcellos, o diarista visa um leitor, mesmo o autor que esconde seu diário ou o destrói no fim da vida, não estaria livre de idealizar um leitor.

Partindo da ideia de Michel Foucault de que o saber produz poder, e de que este saber se constrói a partir da contínua extração de conhecimento dos indivíduos de uma época, este trabalho discorre sobre as mudanças no lugar legítimo para a confissão de si ocorridas no século XX. A hipótese é de que, neste tempo de blogs, fotologs, Orkut, Facebook, Big Brother e confissões televisivas de todo o tipo, os meios de comunicação se tornaram um desses lugares de confissão de si.

Falamos que Clara Averbuck desabafa seus medos e angústias e que compartilha suas felicidades e descobertas. É através de Averbuck e de seu trabalho como blogueira que analisamos a atual escrita em blogs. Acredito que a escrita em si aconteça em momentos de desconforto, de extrema raiva, tristeza e de extrema felicidade, a sempre um impulso que nos leva a escrever e a acreditar naquilo que está escrito mesmo que seja ficcional. Escrever é mudar no papel o que por horas não pode ser mudado na vida real.

Clara Averbuck é questionada por seus atos, pelo fato de colocar partes íntimas da sua vida escritas na internet, fazendo com que as pessoas se sintam amigos próximos, podendo assim apontar os erros da autora. Averbuck não está entre as mais coerentes ao postar sua vida cotidiana e descrever as pessoas que estão em sua convivência o que gera um desconforto na sua vida pessoal.

Seu depoimento deixa transparecer o investimento que leitores e escritores têm nos blogs pessoais: estes se tornam espaço de trocas intensas entre os sujeitos, algo que se mostra mais difícil na escrita publicada em livro. Os blogs respondem à aceleração do tempo no mundo contemporâneo, onde o ruminar nietzschiano é tarefa ainda mais rara. Por outro lado, os blogs criam a possibilidade de encontros subjetivos de forma quase inaudita: são foros potenciais de discussão, de abertura para o dissenso e, assim, espaços políticos por excelência. E é admirável que pessoas ainda acreditem que escritos em primeira pessoa seja de fato reais o que nem sempre acontece, não estamos aqui para provar se os escritos de Clara Averbuck são ficcionais ou se tratam de sua vida, mas para analisar silêncios e lacunas como expressões do diário.

Através dos escritos de Clara Averbuck, podemos entender um pouco de como os blogs funcionam e como se confessam diariamente os blogueiros. Acompanhamos vários blogs e redes sociais que Clara costuma escrever, porém estamos lidando com uma autora viva e que aos poucos pode ser que modifique seu modo de escrever ou até mesmo de pensar sobre a internet.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 66-81, 1991.

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro, Eduerj, 2010.

AVERBUCK, Clara. Blog Adios Lounge. Disponível em: <<http://adioslounge.blogspot.com/>>. Acesso em: 01 set. 2013.

AVERBUCK, Clara. Blog Brasileira Preta. Disponível em: <http://brazileirapreta.blogspot.com/2001_09_01_archive.html>. Acesso em: 01 jan. 2013.

AVERBUCK, Clara. Clara Averbuck Oficial. Disponível em: <<http://claraaverbuck.com.br/>>. Acesso em: 01 set. 2013.

AVERBUCK, Clara. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/caverbuck?ref=ts&fref=ts>>. Acesso em: 01 jan. 2013.

AVERBUCK, Clara. Máquina de Pinball. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2002.

AVERBUCK, Clara. Máquina de Pinball. Disponível em: <<http://artefatok.wordpress.com/2008/09/21/maquina-de-pinball/>>. Acesso em 20 jan. 2013.

AVERBUCK, Clara. R7. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/blogs/clara-averbuck/>>. Acesso em 25 jul. 2012.

Balaio do Gato. Disponível em: <<http://balaiodopedrao.blogspot.com/2011/02/clara-averbuck-borra-o-rimel-em-rede.html>>. Acesso em: 28/01/12.

Balaio do Pedrão. Disponível em: <<http://balaiodopedrao.blogspot.com/2011/02/clara-averbuck-borra-o-rimel-em-rede.html>>. Acesso em: 28 jan. 2012.

BARCELLOS, Sérgio. Terra roxa e outras terras. Revista de Estudos Literários. Volume 9, 2007.

COTT, Nancy F. A mulher moderna: O estilo americano dos anos vinte. In: Duby, G., Perrot, M. (Org.). História das Mulheres no Ocidente - Séc. XX. Porto, Editora Afrontamento, 1991, p.96-113.

CULLER, Jonathan. 1997. Literary Theory. A very short introduction. Oxford : Oxford University Press.

DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.

_____. O abecedário de Gilles Deleuze. Paris: Vidéo Edition Montparnasse, 1996. (Vídeo de entrevista concedida a Claire Parnet realizada por P.A. Boutang e transmitida em série televisiva a partir de novembro de 1995 pela TV-ART, França. Brasil: TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord; com modificações).

DIDIER, Beatrice. 1976. Le journal intime. Paris: Presses Universitaires de France.

FERREIRA, Jaciane Martins. **O sujeito e a busca de sua verdade**, em O caderno rosa de Lori Lamby de Hilda Hilst. Universidade Estadual do Maringá, UEM, 2010.

FREYRE, G. Prefácio à 1ª edição. In: _____. Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

FONSECA, R. Diário de um fescenino. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

FOUCAULT, M. Não ao sexo rei. In: _____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. A história da sexualidade - volume I, Graal, 2006.

_____. A hermenêutica do sujeito. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade. Tradução: Magda Lopes, UNESP, 1993.

GOFFMAN, E.(1978) Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

HALL, Stuart. 2001. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Ed.

HENRIQUE, Márcio Couto. Um toque de Voyeurismo. Physis, Rio de Janeiro, 2005.

HOLLENBACK, Gabriela Boemler. Revistas Femininas. UNIrevista, vol.1, nº3, 2006.

JOVIANO, Helena da Silva. **Escrita e sua subjetividade feminina**: um mundo de papel e tinta construído no Diário de Helena Morley. Revista de artes e humanidades, nº6, 2010.

LACOMBE, Milly. Menina Veneno. Marie Clarie. Globo, 2008. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML1683662-1740,00.html>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

LEJEUNE, Philippe. On diary. Honolulu: University of Hawaii Press, 2009.

MELO, Rogério Amador; ROSA, Fábio Morelli E BARRETOS, Danielle Jardim. O indesejável como desejo. Revista de Psicologia da UNESP, 11 (1), 2012.

MORLEY, Helena. Minha vida de menina. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Nome Próprio. Baseado nos escritos de Clara Averbuck, dirigido por Murilo Salles. Distribuidora: Cinema Brasil Digital Ltda, 2008. DVD (120 min.): son., color. Legendado. Port.

O inferno são os outros. Revista Bravo. Disponível em: <http://www.carranca.com.br/bravo/cinema_blogclara.shtml> – Acesso em 18 jul. 2012.

Pensador.info. Poema de Fernando Pessoa. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/NDM0Ng/>> poema de Fernando Pessoa

PRIMO, Alex. Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: XXXI Congresso de Ciências da Comunicação - Intercom 2008, Natal, Anais, 2008.

KILPP, Suzana. O confessionário reality de Big Brother Brasil. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2006.

SIBILIA, Paula. A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs. Revista de biblioteconomia e comunicação, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 35-51, 2005.

_____. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Nova Fronteira. 2008.

_____. Cartas e Diários. Do manuscrito à Internet: reconfigurações da intimidade e da privacidade. E-Pós, Rio de Janeiro, v. 2004.2, 2004.

_____. Celebridade para todos: um antídoto contra a solidão? Ciência e Cultura [online]. 2010, v. 62, n. 2, p. 38-44.

_____. Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. In: André Lemos; Paulo Cunha. (Org.). Olhares sobre a Cibercultura. 1 ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003, v. , p. 139-152.

_____. A intimidade escancarada na rede, blogs e webcams subvertem a oposição público/privado. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003.

SOUZA, Danielle de Medeiros. Do confessionário ao divã: conquistas femininas no discurso do século XIX e XX. Departamento de História – UFRN.

SOARES, Luís Estáusquio. Disponível em:
<http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed696_michel_foucault_e_as_confissoes_da_xuxa>. Acesso em 01 set. 2013.